



Setembro - Outubro de 2004



Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



“Prega a Palavra”

II Tim. 4:2



“Lembraí-vos dos vossos guias, os quais vos pregam a Palavra de Deus” *Hebreus 13:7*



O dia do pastor

James A. Cress

Secretário Ministerial da Associação Geral da IASD

Quando o Pastor Tercio Sarli, então presidente da União Central-Brasileira, escreveu-me duas vezes sobre o mesmo assunto, tempos atrás, percebi que se tratava de uma questão realmente importante. Ele sugeria a oficialização de um dia no qual os pastores pudessem receber uma expressão de reconhecimento por parte da igreja. Com isso em mente, passei a escrever esta matéria para publicação simultânea em *Ministry* e nas revistas do ancião e da Afam norte-americanas, com a recomendação de que ela chegue aos oficiais das igrejas.

O porquê da homenagem. “Agora, vos rogamos, irmãos, que acateis com apreço os que trabalham entre vós e os que vos presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam. Vivei em paz uns com os outros” (I Tess. 5:12 e 13).

A crescente suspeita da sociedade em relação a lideranças, o desempenho medíocre de alguns pastores e as expectativas irreais alimentadas por membros de igrejas contribuem para reduzir o nível de auto-estima em muitos pastores ultimamente.

Parece mais fácil criticar do que extermar reconhecimento pelo dedicado serviço que eles realizam. Por exemplo, recentemente um membro de igreja escreveu uma carta, queixando-se de que seu pastor não investe tempo suficiente no preparo dos sermões. Outro reclamou que o pastor nunca o visita. Paradoxalmente, outro irmão criticou seu pastor dizendo que ele só sabe ficar de casa em casa. Bom seria se recebêssemos mais cartas como a de um ancião que disse: “Não tenho nenhuma outra razão para escrever, exceto dizer que nosso pastor serve maravilhosamente à nossa igreja.” Respondi essa carta e enviei uma cópia ao pastor e ao presidente da Associação.

O que a liderança pode fazer. Como já foi dito, o Pastor Sarli (atualmente jubilado) encorajou-nos a adotar um dia anual do pastor, a fim de podermos afirmar o papel do ministério em geral e expressar nossa apreciação particularmente aos pastores distritais. E, junto com a teoria, ele dizia estar investindo tempo, energia e dinheiro, escrevendo uma carta a todos os seus pastores, acompanhada de uma lembrança. As famílias pastorais, em sua União, eventualmente eram

reunidas em concílios ministeriais para receber crescimento espiritual e educação contínua.

Algumas denominações têm estabelecido um final de semana em outubro. Embora talvez seja impossível padronizar uma data para todo o mundo, cada Campo pode estabelecer um dia de vocações ministeriais, no qual os pastores que ainda são ativos recebam o reconhecimento de suas congregações, e jovens sejam convidados a considerar em oração o chamado de Deus para o ministério.

Líderes de Uniões e Campos locais podem enaltecer a função ministerial, valorizando o pastor, e incentivando as congregações a planejarem um programa nesse dia. O Pastor Charles Heskey, secretário ministerial da Associação Norte-Caribenha, enviou aos membros das igrejas de seu território um marca-páginas. Sob o título “Ore por seu pastor”, ele contém uma lista de objetivos pelos quais os irmãos deveriam orar, incluindo a vida pessoal do pastor e as necessidades de sua família.

O que a igreja pode fazer. Os oficiais da igreja local podem fazer deste dia uma oportunidade para celebrar as bênçãos espirituais recebidas através da liderança pastoral. Todos os pastores contribuem para o bem espiritual de suas igrejas. Outras sugestões incluem momentos de confraternização, brindes simples mas significativos, tais como flores, uma nova Bíblia, um li-

vro, entre outras coisas; voluntariedade para realizar alguma tarefa que alivie a carga do pastor como, por exemplo, dar estudos bíblicos ou fazer uma visita com ele, ajudá-lo em uma campanha evangelística.

E, muito importante, em lugar de criticar, que os líderes acolham os filhos do pastor como se fossem seus filhos e netos. Caso haja alguma diferença, falem diretamente com ele, em espírito cristão. Acima de tudo, expressem seu reconhecimento verbalmente e escrevam uma carta ao presidente da Associação.

O que o pastor pode fazer. Sirva com o melhor de suas forças, seu tempo, suas energias e seus talentos, pastor. Ame profunda e sinceramente. Dê o melhor de si à igreja. Lidere de tal forma que os membros vejam refletido em suas atitudes o Espírito de Deus, e sejam constringidos a seguir seu exemplo. **M**

23 de outubro:

é tempo

de agradecer

e incentivar

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Progr. Visual: Alexandre Gassul Streicher
Capa: Divisão Sul-Americana
Fotos: William de Moraes e Erlo Köhler

Colaboradores Especiais:
James Cress; Alejandro Bullón;
Jonas Arrais; Willmore Eva; Júlia Norcott

Colaboradores:
Acílio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Fidel Guevara; Jair Garcia Góis;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Moisés Rivero; Rafael L. Monteiro;
Ricardo Palácios; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>
Serviço de Atendimento ao Cliente:
sac@cpb.com.br
Redação: ministerio@cpb.com.br
Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaeministerio

Tiragem: 5.100 exemplares
5960/12652

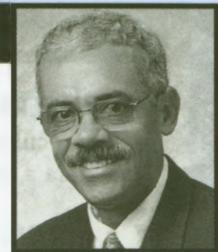
Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, *sem prévia autorização*
escrita do autor e da editora.



Palavra que satisfaz

Todos os finais de semana, milhares de pessoas se dirigem a locais de culto. Vão em busca de um contato com Deus, através da adoração coletiva, desejosas de ouvir a Sua voz. Querem uma mensagem da parte dEle, que satisfaça os profundos anelos e necessidades da alma. E aqui reside a crucial responsabilidade do pregador. Como porta-voz de Deus, ele deve ser o instrumento utilizado a fim de que crentes e descrentes retornem aos respectivos lares tendo suas dores espirituais aliviadas, firmados os passos trôpegos, dissipadas as dúvidas, eliminados os ressentimentos, cessado o pranto, encontrado o caminho da salvação.

O pastor é o primeiro responsável por satisfazer tais necessidades do rebanho que lhe é confiado por Deus, e essa comissão chega a ser um privilégio inigualável. Todas as vezes em que se levanta para falar à sua congregação, o pastor está diante de pessoas com os mais variados anseios e necessidades espirituais. Como ovelhas famintas, sedentas e cansadas, em busca de pastos verdejantes, águas tranquilas e sombra, seus ouvintes esperam receber nutrição espiritual, refrigério, segurança e paz. Que lhes dirá ele, então?

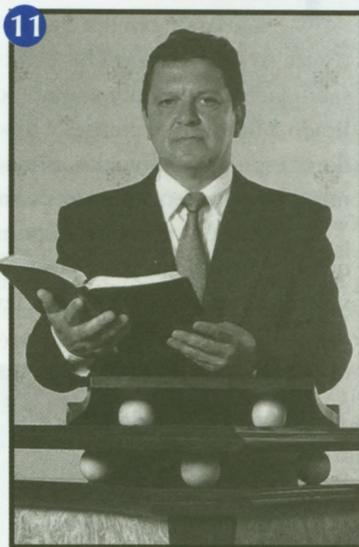
Que dirá ele às crianças, aos adolescentes, jovens e idosos com suas inquietações peculiares? Que mensagem terá para os cônjuges à beira da separação? Como satisfará, ao mesmo tempo, as expectativas de intelectuais e indoutos? Que mensagem receberão a viúva, os órfãos e os solteirões? Que tem o pregador a oferecer para consolar o coração da dona-de-casa, do enfermo, do derrotado, do desempregado, do oprimido? Que dirá ao ouvinte que, talvez, morrerá no decorrer da semana? E se este também for o seu último sermão, o que dirá?

O pregador é um mensageiro de esperança. Como porta-voz de Deus, ele não é um pressagiador de condenação, e sim um arauto de felicidade. Por isso deve esmerar-se no preparo de seus sermões. Como disse John Henry Jovett, “o público precisa perceber que estamos devotados a uma ocupação séria, que há em nossa prédica uma busca entusiástica, busca insone e imorredoura. O público precisa sentir no sermão a presença do ‘caçador celeste’ a sulcar a alma em suas verdades mais ocultas, perseguindo-a no ministério da salvação para arrastá-las da morte para a vida, da vida para a vida mais abundante, de graça em graça, de força em força, de glória em glória”.

Nessa busca, o pregador deve concentrar-se fundamentalmente na Palavra de Deus. Nada que lhe seja estranho satisfará. Tudo o que for derivado dessa fonte produzirá nutrição, conforto, ensino, inspiração e bênçãos espirituais. Por tudo isso, ao ensejo de mais um “Dia do Pastor”, é apropriado avaliarmos nosso desempenho como nutridores do rebanho do Senhor. E reafirmemos nossa fidelidade ao mandato: “Prega a Palavra...” **M**

Zinaldo A. Santos

- 11 • O SERMÃO NO LUGAR CERTO**
No culto de adoração, não pode haver substitutos para a exposição da Palavra.
- 17 • O ERIC DA PREGAÇÃO**
Conheça quatro características que não podem faltar em um bom sermão.
- 20 • NAS MÃOS DE DEUS**
Homenagem ao pastor.
- 21 • PAULO, O PREGADOR**
As razões pelas quais o apóstolo proclamava, apaixonadamente, o evangelho.
- 23 • DESAFIO PÓS-MODERNO**
Como despertar o mundo de hoje para a mensagem da cruz.
- 27 • ALIMENTO PARA OS CORDEIRINHOS**
Sugestões para tornar as crianças ouvintes participativos do sermão.
- 29 • SEXUALIDADE E SACERDÓCIO**
Por que Deus está interessado na vida conjugal do sacerdote.
- 32 • SE O PÚLPITO FALASSE**
Uma reflexão que todo pregador deve fazer.



SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 14** IDÉIAS
- 33** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

“Somente um sermão baseado na Palavra de Deus pode ser poderoso a ponto de derrubar as fortalezas.”

Roy Allan Anderson



Identidade pastoral

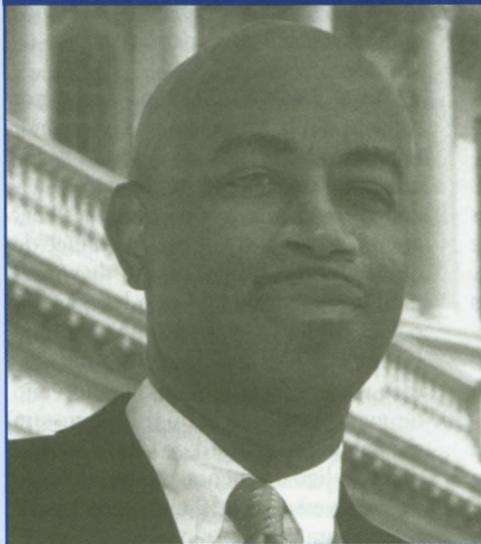
Escrevo-lhes para externar minha grande satisfação pela excelente advertência que nos veio através do artigo intitulado “Reavaliando a identidade pastoral”, na edição do bimestre maio-junho desta revista. O autor, Dr. Miroslav Kis foi extremamente feliz na abordagem do assunto, ao mesmo tempo com intensidade e equilíbrio, ao descrever as diversas facetas da função ministerial.

Como pastores e obreiros a serviço da Igreja de Deus, devemos ter em elevada consideração nosso chamado, pois ele é sagrado. Através da constante comunhão com o Senhor, precisamos buscar sabedoria e estar despertos para as manifestações sutis de carência e afeto, demonstradas por pessoas do sexo oposto e utilizadas pelo inimigo como armadilhas para nos envedar. Satanás, às vezes, parece ter êxito em corroer nossa percepção espiritual em algumas ocasiões, mas não podemos vacilar. Humanos como somos, com uma natureza maculada com a nódoa do pecado, corremos o perigo de ceder a certas atrações, prejudicando nossa honra pessoal e a santidade da nossa vocação.

Portanto, ao desempenharmos nossas funções de embaixadores de Cristo, procuremos desenvolver, com Sua ajuda, a capacidade de preservar nossa individualidade pastoral que não pode ser destruída. O Senhor transforma aptidões e capacidades naturais em proveitosos canais de bênçãos. Buscando melhorar as faculdades que Deus nos tem dado, os talentos e habilidades são desenvolvidos para serem usados não com propósitos maus e egoístas, mas para a glória de Deus e o bem do semelhante. Afinal tudo o que temos e somos vem de Deus..

Somos bem-aventurados em nos acharmos entre os milhares de santos que marcham rumo ao Céu, para o encontro, face a face, com nosso amado Salvador. Nessa caminhada, devemos vencer o “eu” com suas tendências, a fim de não nos desqualificarmos para “o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”.

Estrella Anacleto Jordan, Prilly, Suíça



Pregação como estilo de vida

Derek J. Morris

“Muito antes que eu tivesse lido qualquer livro sobre homilética, já estava sendo programado como pregador”

Em junho do ano passado, o Pastor Barry C. Black, contra-almirante da Marinha norte-americana, doutor em filosofia, psicólogo e adventista do sétimo dia, foi eleito o 62º capelão do Senado dos Estados Unidos. Ele é o primeiro adventista e o primeiro afro-americano a ser escolhido para essa função. Antes de assumila, o Pastor Black serviu à Marinha do seu país durante 27 anos, onde chegou a ser chefe dos capelães e foi agraciado com vários prêmios e medalhas em reconhecimento ao seu trabalho.

Barry Black nasceu em Baltimore, e estudou no Colégio Oakwood, Universidade Andrews, Universidade Central da Carolina do Norte, Seminário Batista Oriental, Universidade Salve Regina e Universidade Internacional dos Estados Unidos. Casado com Brenda Pearsall, é pai de três filhos: Barry II, Brendan e Bradford.

Nesta entrevista concedida a Derek Morris, pastor adventista na Califórnia, o Pastor Black se revela um apaixonado pela pregação e aponta caminhos pelos quais um pastor pode chegar a ser um pregador poderoso.

Ministério: *Ao refletir sobre sua vida passada, quais influências o senhor julga que Deus usou na construção de sua experiência espiritual?*

Pastor Barry Black: A primeira dessas influências é minha origem humilde, simples. Acredito que o fato de eu ter crescido em uma cidade do interior, no ambiente tóxico de alojamentos públicos, onde vivíamos beneficiados pelas instituições assistenciais, criou em mim uma habilidade para me relacionar com pessoas de classes inferiores, no contexto socioeconômico. Parece que Deus me abençoou com habilidade para aproximar-me de pessoas que podem não ter um nível médio de educação formal, nem bens materiais. Elas parecem identificar-se comigo e são encorajadas pela minha história. Muitas mães me dizem que o conhecimento de meus antecedentes e minhas raízes lhes é um grande incentivo para que sejam mais determinadas em lutar por seus filhos, investindo na educação cristã e encaminhando-os ao estudo da Bíblia. Uma segunda influência que Deus usou para formar minha espiritualidade foi minha mãe. Ela era uma santa. Amava a Deus e Sua Palavra. Possuía uma espiritualidade vibrante, robusta, e se esforçava por me transmitir isso. Dizia-me que eu era especial. Informou-me que eu fora separado para Deus. Dizia isso com tal poder e sinceridade, que eu nunca duvidei do meu chamado. Em terceiro lugar, as escolas cristãs, desde o nível fundamental até o seminário, exerceram

um impacto tremendo na formação da minha espiritualidade. Não acredito haver nada mais importante para crianças e jovens do que serem eles expostos aos princípios bíblicos, diariamente, em quase todos os cursos. Fui mentorado por professores dedicados que também pareciam sentir que a mão de Deus estava me guiando. Eu estava no mundo, mas não era do mundo. As escolas cristãs me providenciaram um casulo que me fez criar asas e voar.

Ministério: *E o que dizer da influência exercida pela pregação?*

Pastor Black: Eu fui abençoado por viver minha infância e crescer em uma igreja muito grande, a Igreja Adventista Beréia, em Baltimore. Beréia era uma congregação com aproximadamente mil membros. E normalmente os pregadores mais dotados eram enviados para lá, possibilitando-me assim uma incrível oportunidade de ficar exposto a alguns dos melhores pregadores que Deus já produziu. Eu acho que boa parte do que alguém é como pregador lhe é ensinada, mas há também outra parte que ele adquire por si mesmo. Quando você é exposto desde cedo à pregação poderosa, inspirada, poética, há um acento que você capta e que permanece consigo através da vida, e marca seu ministério. Não é

algo que você consegue em salas de aula. Não é algo que você aprende nos livros. Muito frequentemente, mesmo agora, ainda ouço ecos dos meus antigos pastores, quando estou pregando. Sorrio e penso: “Isso é do Pastor Leon Cox; ele falaria exatamente assim.” Ou, “o Pastor J. C. Smith com certeza usaria esta frase”. É um estupendo legado, um dom maravilhoso. Essa rica herança resultou numa espécie de reservatório em minha mente, de onde tiro material exegético e ilustrações para minhas mensagens. Durante minha infância, toda vez que as portas daquela igreja se abriam, minha mãe e eu lá estávamos. Não perdíamos os cultos matutinos de oração, os de quarta-feira à noite, as reuniões de evangelismo, nas noites de domingo. Durante o sábado ficávamos lá o dia todo. Nem sempre eu achava isso agradável, mas, certamente, me proveu uma herança fantástica.

Ministério: *O que é a pregação para o senhor?*

Pastor Black: Desde cedo sempre fui interessado em ouvir gravações e assistir a videotapes de sermões. Deveria ter uns sete ou oito anos de idade, quando ouvi um sermão de Peter Marshall, intitulado “Estavas lá?” Eu mal podia acreditar na beleza poética do que estava ouvindo. Peter descrevia uma ensolarada manhã nascendo sobre a cidade de Davi. Pregava com tanta beleza que eu podia sentir uma coisa musical em sua mensagem; e senti também algo sobre as possibilidades da pregação. Meus horizontes foram ampliados. Pregação não é simplesmente apresentar textos bíblicos para provar alguma doutrina. Pregar é mais do que apologizar, tentando convencer alguém da validade de uma posição teológica. A pregação precisa ter a habilidade de transportar o ouvinte, através da música da linguagem, aos tempos bíblicos e habilitá-lo a não apenas ver Moisés diante da sarça ardente, mas ele mesmo, o ouvinte, encontrar-se ali. Quem ouve um sermão precisa estar em terra santa. Lembrome de um dos primeiros sermões que ouvi Gardner Taylor pregar, intitulado justamente “Terra santa”. Ali eu adquiri um senso de como dar uma mensagem, como usar as mãos, como fazer uma história fluir. Na verdade, Taylor não disse o nome de Moisés senão até

cerca de dez minutos depois que começou a falar. Naqueles dias eu tinha uma memória fenomenal. Gravava quase tudo o que ouvia; era como um computador. Foi uma experiência maravilhosa capturar a beleza da linguagem e o poder da pregação.

Ministério: *Parece que muitos excelentes pregadores o influenciaram. Além dos que foram mencionados deve haver mais alguns.*

Pastor Black: Charles D. Brooks também exerceu um tremendo impacto em minha vida. Ele era muito jovem quando o ouvi pela primeira vez. Vi nele e em Charles Bradford pregadores muito criativos. Eles faziam a Palavra de Deus viver. Brooks poderia pregar sobre “a idade de Matusalém” ou “a virtude de ser um pássaro”, e você acabaria maravilhado com sua

“O pregador é uma flauta através da qual o Espírito Santo toca Sua música e alcança os ouvintes”

habilidade criativa. Bradford tinha uma grande capacidade para contar histórias. Quem o escutava, se sentia na poltrona vendo um filme. Aprendi com ele a importância do diálogo; não simplesmente falar ao povo, mas fazê-lo participar. Esses foram os meus mentores. Alguns formais, outros oficiais e outros extra-oficiais. Leon Cox, que já mencionei, foi meu pastor durante muitos anos, em minha adolescência, e demonstrava um interesse especial em mim e outros jovens da igreja. Calvin B. Rock, um proeminente pregador, também me influenciou bastante. Desse modo, antes que eu lesse qualquer livro sobre homilética ou estivesse exposto à literatura sobre pregação, já estava sendo programado para ela.

Ministério: *Como o senhor consegue abastecer-se espiritualmente, de modo que a pregação flua, derramando-se do seu interior?*

Pastor Black: Eu costumo andar por toda a Bíblia, duas ou três vezes por ano. Faço isso lendo ou ouvindo as Escrituras. Por exemplo, tenho aproximadamente 45 minutos para me deslocar até o Capitólio, o que me dá chance de ouvir CDs da Bíblia. Nestes dias mesmo estou ouvindo a Versão Internacional da Bíblia. Você pode ouvir a Bíblia inteira em 70 horas. Enquanto me deslocar para o Capitólio, ou quando viajo de avião, sempre tenho a Palavra em meu aparelho portátil de CD. Simplesmente o ligo e a mensagem me alcança. Se eu vivesse mais 50 anos seria pouco tempo para pregar tudo o que tenho recebido desse reservatório divino. É assim que estou constantemente nutrido pela Palavra. Tenho material suficiente para cinco ou seis sermões toda semana. É uma experiência maravilhosa. Fico ansioso por vivê-la todos os dias; mal posso esperar entrar no automóvel para poder desfrutá-la. Quando você fica assim exposto às Escrituras, recebe subsídios preciosos. Então, ao se levantar para pregar, a mensagem derrama-se naturalmente de dentro de você.

Ministério: *O senhor costuma citar muitas passagens de memória, em seus sermões. Como conseguiu gravar tanta coisa na mente e no coração?*

Pastor Black: Fui abençoado pela exposição à Palavra, desde quando era criança. Éramos pobres, como família. Não possuíamos televisão, de modo que eu estávamos em contato com alguma coisa da Bíblia ou estávamos na igreja. Minha mãe me dava permissão para desfrutar certos prazeres infantis, sob a condição de que eu, juntamente com meu irmão, aprendesse e memorizasse versos bíblicos. Eu amo a Bíblia. Ainda hoje ouço-a e memorizo-a. Ocasionalmente encontro uma passagem de beleza tal, que a escrevo várias vezes e então me ponho a repeti-la a fim de memorizar.

Ministério: *O que o senhor considera mais importante que o pregador tenha em mente no preparo e apresentação da mensagem?*

Pastor Black: Não posso pregar sem orar. Não posso estudar sem orar. Tive uma experiência dramática com o Senhor 15 ou 16 anos atrás, que levou minha vida espiritual a um outro nível.

Levou-me para o lugar onde comecei a estar sempre desperto para a constante presença de Deus. Desde então, falo com Ele. E Ele é meu companheiro. Ele está aqui e fala comigo. Esta experiência exerceu um impacto transformador em minha vida pessoal e minha pregação. Quando eu acordo pela manhã, antes de fazer qualquer coisa, caio de joelhos no solo. A partir daí, não existe muitos segundos do dia em que eu não esteja desperto para a presença abençoada do meu companheiro celestial. Paulo nos aconselha a orar sem cessar (I Tess. 5:17). Cada manhã, quando início minhas atividades no Senado norte-americano, com oração, eu oro enquanto estou orando. Quando estou pregando, oro enquanto prego. E, ao fazer isso, estou recebendo instruções divinas, direção divina, estou praticando a presença de Deus. Para mim, oração é isso. Não é alguma coisa que você faz; mas algo que lhe permeia o ser.

Ministério: *O senhor mencionou que ora enquanto prega. Como sente que o Espírito Santo o instrui e guia durante a pregação?*

Pastor Black: Eu quero estar sempre em íntimo contato com Deus antes de levantar-me para pregar. Descrevo essa experiência como “oração de aquecimento”, é parte da preparação do sermão. Você pode estudar, pesquisar, meditar, mas necessita orar para aquecer-se espiritualmente. Sem o Espírito de Deus, você não será capaz de fazer qualquer coisa. Peça ao Espírito que vá antes de você, para tornar viva a sua mensagem. Ao assumir o púlpito, esteja preparado para ser usado da maneira como o Espírito Santo deseje usá-lo. Você deve estar tão conectado e focalizado que quando levantar-se para falar, esteja realmente pronto. É muitíssimo importante que um pregador não tente usar o Espírito Santo. Necessitamos confiar que o Espírito de Deus tem Sua maneira de agir. Necessitamos compreender que Ele Se manifesta através de meios diferentes. Mas embora o Espírito sobre onde quer, temos de aprender como posicionar a vela. Temos de estar condicionados a receber Seu alento. Alguns pregadores desperdiçam grande quantidade de energia, tentando ser o vento em lugar de procurar aprender o que o Espírito quer fazer, e cooperar com Ele. O pregador não passa de uma flauta através da qual o Espírito de Deus toca Sua música e alcança a vida das pessoas.

Ministério: *Em que extensão os pregadores deveriam ser transparentes a respeito de sua jornada espiritual, incluindo suas lutas e desafios?*

Pastor Black: Eu poderia encorajar uma auto-exposição judiciosa. Pode ser muito saudável partilhar como Deus os tem habilitado a vencer lutas e desafios específicos. Uma das minhas passagens bíblicas favoritas é II Coríntios 1:3 e 4, onde Paulo diz: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É Ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus.” Percebo nessa passagem que há um lugar apropriado para uma judiciosa auto-expo-

“Quanto mais eu vivo, mais compreendo a necessidade de o pregador expor-se à Palavra de Deus”

sição. Acho que o pregador deve ser muito cuidadoso no uso de ilustrações pessoais. Eu mesmo não gosto de ilustrações onde eu possa aparecer como herói. Por outro lado, acho que ilustrações autodepreciativas são muito ajudadoras. Algumas vezes, falo sobre as lutas que eu tive com a profanidade, durante a juventude. Adquiri esse hábito e lutava contra ele. Quando partilho essa minha luta, as pessoas vêem que o pastor é um ser humano; e elas ouvem que a graça de Cristo pode nos libertar das cadeias que nos prendem. Esse tipo de revelação, o tipo que leva a glorificar a Cristo e o que Ele é capaz de fazer, é o que eu gosto de encorajar os pregadores a usar. Quero que aqueles os pregadores, particularmente aqueles que tiveram uma experiência no chi-

queiro, como o filho pródigo da parábola, de fazer propaganda do que lhes aconteceu na terra longínqua.

Ministério: *Digamos que alguns pastores estejam sentindo esgotamento espiritual. Como o senhor os encorajaria?*

Pastor Black: Primeiramente, eu diria que esses companheiros deveriam se expor à Palavra de Deus do modo mais criativo que lhes seja possível. É essa Palavra que nos leva para fora da névoa. Não vivemos apenas de pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Foi a palavra do Senhor que ergueu Moisés vez após vez. Foi a palavra do Senhor que tirou Elias da fossa quando ele chegou a pedir a morte. É a Palavra que aclara nossas incompreensões. No meu modo de ver, a majestosa visão da Escritura que você adquire, por ouvir a Bíblia várias vezes no ano é um tônico sem igual. Isso produzirá frutos. Em segundo lugar, os pregadores deveriam desfrutar a companhia de outros pastores. Há muitas oportunidades de estarmos juntos, em concílios, partilhando experiências, orando juntos e nos alegrando juntos. Isso também pode ser um maravilhoso tônico. Finalmente, se você ainda não tem um amigo confiável, preferencialmente um outro pastor, com quem você possa ser transparente, alguém que ore com você e por você, recomendo que procure um. A Bíblia diz que um perseguirá mil, e dois perseguirão dez mil. Há uma sinergia e uma energia nesse tipo de relacionamento que nos ajudam naquelas experiências do vale, nos caminhos áridos pelos quais inevitavelmente passamos.

Ministério: *Que conselho o senhor daria aos pregadores que desejam experimentar um ministério profundamente espiritual, de modo que possam pregar com poder?*

Pastor Black: Eu costumava ficar frustrado com certos pregadores quando eu perguntava o que os fazia tão fortes. Parecia que eles não levavam muito a sério minha pergunta. Falavam a respeito da importância de tomar tempo com Deus, e isso me parecia tão vago, tão maçante. Mas, quanto mais eu vivo, mais compreendo que eles estavam falando a verdade. Necessitamos estabelecer tempo para nos expormos à Palavra de Deus. É aí que os sermões nascem. Mais que isso, enquanto nos colocamos ao alcance da Palavra de Deus, nascemos de novo, diariamente. **M**

Precisa-se de um pastor

“Não pode um homem receber maior honra que ser aceito por Deus como hábil ministro do evangelho.”

Ellen G. White



Evelyn Nagel

Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial na Divisão Sul-Americana

Certa ocasião, enquanto tomava o desjejum na companhia de algumas colegas, todas elas com filhos estudando em colégios adventistas, ouvi a preocupação de cada uma a respeito do futuro dos filhos, especialmente quanto a encontrarem o cônjuge certo. Algo que me chamou a atenção foi a alegria que algumas demonstravam, sabendo que as filhas já haviam encontrado ou estavam interessadas em moços que cursavam Teologia.

Fiquei pensando em como é tranquilizador para a mãe, esposa de pastor, saber que uma filha também deseja viver a mesma experiência, dedicando sua vida integralmente ao trabalho de Deus, ao lado de um pastor. É uma vida com grandes responsabilidades, mas que envolve muitas e ricas bênçãos. Porque o pastor é um homem especial aos olhos de Deus. É alguém que tem o privilégio de encaminhar pessoas para o reino celestial. As expectativas são muito grandes em relação ao seu trabalho, mas ele pode ter a segurança de que nunca levará as cargas sozinho. Deus está sempre disposto a ajudá-lo, sustentá-lo e confortá-lo, concedendo-lhe sabedoria e paz.

Com propriedade, Joel Manosalva escreveu sobre a conduta de um pastor. Eis como suas palavras traduzem a solenidade da vida de um ministro do evangelho:

“Precisa-se de um pastor que seja consagrado, que dependa da oração para o seu trabalho, que tenha muita fé, estude a Bíblia todos os dias, leia e pratique os conselhos do Espírito de Profecia, fale a sós com Jesus constantemente; que viva o que prega, que aja honestamente em tudo, que fale com retidão, que não seja um contador de piadas. Um pastor que ouça os membros com ca-

rinho e simpatia, que busque solução para os problemas, sem se tornar impaciente. Um pastor que não se desgoste, que saiba perder e ganhar nas comissões e nas palestras; que não use influências ou artimanhas para tratar dos assuntos que lhe são próprios ou para levar vantagem.

“Um pastor que seja sempre discreto e aseado no vestir. Que esteja sempre alegre, que tenha um sorriso para todos e seja atencioso. Um pastor que ame as pessoas e que sinta paixão por elas; que ame os seus inimigos e os perdoe, embora eles o aborreçam.

“Um pastor que chegue a tempo às reuniões, que inicie os cultos na hora marcada; não desperdiçando o tempo nem permitindo que outros o façam. Um pastor que faça sermões breves, mas com o poder do Céu; que seja constante e não desanime diante dos obstáculos. Um pastor que não esteja dependente da jubilação, do salário, ou tirando proveito da Obra de Deus.

“Um pastor que, ao cometer um erro, saiba dizer: ‘errei’ – e esteja pronto a pedir perdão. Um pastor que evangelize com poder, que alimente e cuide bem de sua igreja, que se dedique muito, sem exigir nada em troca.

“Um pastor que tenha um programa de estudos, que leia sempre bons livros e que sua presença inspire confiança onde estiver. Que atue sem hipocrisia, que esteja sempre feliz, seja franco, agradável e de bom humor. Um pastor que reflita o caráter de Cristo.

“Esse é o modelo de pastor necessário para ganhar conversos em um distrito metropolitano ou distante dos grandes centros; para liderar em qualquer instância da Igreja. Jesus deseja dar boas-vindas e esse pastor, no Céu, e conceder-lhe uma coroa de glória.”

Seja você, pastor, este homem. Não permita que alguém lhe diga que não está ardendo em amor pela pregação do evangelho e pelo desejo de que Jesus volte logo.

“Não pode um homem receber maior honra que ser aceito por Deus como hábil ministro do evangelho. Mas os que o Senhor abençoa com poder e êxito em Sua obra não se envaidecem. Reconhecem sua inteira dependência dEle, sentindo que não possuem por si mesmos nenhum poder. Com Paulo eles dizem: ‘Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos, mas a nossa capacidade vem de Deus, o qual nos fez também capazes de ser ministros dum novo testamento.’ II Cor. 3:5.” – *Atos dos Apóstolos*, pág. 328.

Que Deus o abençoe, pastor. Deus conta com você. **M**

Dieta balanceada

O pastor inteligente prega de acordo com um programa, buscando satisfazer as necessidades espirituais do rebanho

Zinaldo A. Santos
Editor de Ministério

Um dos instrumentos mais eficazes ao alcance do pregador que está empenhado em oferecer à sua congregação uma dieta espiritual nutritiva é, sem dúvida, a elaboração de um calendário homilético. Como disse J. W. Perce, “o homem que tem seu programa de pregações cuidadosamente planejado, que o vem estudando cuidadosamente, preparando o terreno, semeando, plantando, transplantando, adubando, cultivando, podando, enxertando e selecionando, está preparado para quando chegar a oportunidade de falar. Tal homem pode agir eficientemente, o que será um crédito a seus labores e uma honra para Deus. Ele não precisa desconsiderar nenhuma necessidade, nem fazer crescer ou amadurecer à força o que deseja oferecer ao povo no próximo culto”.

Alguns pastores organizam seu calendário abrangendo um período de seis meses, outros o fazem para o ano inteiro. Evidentemente, o período de vigência pode ficar a critério de cada pastor, contanto que certifique-se de estar fazendo a melhor escolha em benefício de sua congregação. O fato indiscutível é que tal procedimento prova-se vantajoso para o pastor e a igreja.

Benefícios

A primeira vantagem de um calendário homilético envolve a atuação do Espírito Santo. Esse agente divino não está limitado por coisa alguma; pode socorrer em qualquer emergência, e realizar em cinco minutos muito mais do que faríamos sozinhos durante a vida inteira. Porém, se o Espírito Santo pode inspirar em situações emergentes, muito mais o fará durante o correr dos dias, enquanto o pregador ora, estuda, aprofunda-se, medita sobre um determinado tema e busca Sua ajuda para o amadurecimento das idéias.

Equilíbrio na apresentação da mensagem é outra vantagem. Todos nós temos certas áreas de estudo que nos chamam a atenção mais do que outras. Quando aparece uma necessidade, é até natural que a mente gravite sobre essa área de interesse, induzindo-nos à apresentar um sermão sobre o mesmo tema, sempre, embora com nova roupagem. Mas não é o nosso interesse particular que determina as necessidades do rebanho. Assim como no aspecto físico nos alimentamos do que nosso corpo necessita, independente da preferência de algum chef de cozinha, o calendário homilético mantém o pregador ligado nas carências do povo, equilibrando a dieta espiritual.

O pregador deve estar preocupado com temas eternos e sublimes, sem esquecer as datas e ocasiões especiais. Suponhamos que ele chegue ao púlpito para falar sobre a profecia das 2.300 tardes e manhãs em pleno Dia das Mães. Que adaptação fará? Com um calendário devidamente preparado, tal embaraço é inexistente; pois ele terá um sermão apropriado à ocasião, ficando a exposição profética agendada para outra oportunidade.

O calendário homilético também contribui para melhor coordenação de todas as outras partes do culto, especialmente as apresentações musicais, que poderão ser preparadas de acordo com o tema previsto. Não existe sincronia quando alguém canta uma música sobre o Getsêmani, por exemplo, e o pregador se levanta para falar sobre incompatibilidade conjugal. A igreja será edificada e o próprio sermão será enriquecido com a apresentação de um hino que concorde com o tema.

Nem sempre o pastor dispõe de tempo suficiente para fazer tudo o que seu trabalho exige; e um calendário de sermões também ajuda a minimizar esse problema. Imaginemos um pastor que não tenha um planejamento de pregações, chegando de um concílio sexta-feira pela manhã, deparando-se com um funeral para ser dirigido à tarde, e sem ter preparado o sermão para o sábado seguinte. Uma tremenda correria! Terá de passar muito tempo de preparo à noite, ou pregará um sermão requentado. Será isso o melhor para sua congregação?

O pastor que planeja antecipadamente seu programa de mensagens certamente se dedicará mais ao estudo, favorecendo o crescimento pessoal. Não é difícil estudar quando se tem um plano traçado. Dessa forma, ele sabe de onde sai, para onde vai e qual estrada trilhará.

O que pregar

Uma das partes mais difíceis da elaboração do calendário homilético diz respeito à decisão sobre o seu conteúdo. É aqui que o planejamento pode assegurar seu êxito ou fracasso. Nunca é demais ressaltar a importância do equilíbrio na dieta da pregação. Um tema considerado difícil

não deve ser descartado apenas por essa razão; pelo contrário, aí está a chance de estudo profundo e enriquecedor. A “dieta balanceada” implica a satisfação das necessidades espirituais da igreja. Considere as seguintes sugestões do que pode ser incluído no calendário homilético:

- Sermões cristocêntricos, sobre a doutrina da salvação, para dar aos crentes certeza e contentamento.
- Sermões doutrinários e proféticos, para estabelecer e confirmar os ouvintes na fé que abraçaram.
- Sermões éticos, para que saibam que a fé tem de ser manifestada pelas boas obras.
- Sermões missionários, para manter acesa na mente e no coração dos crentes a chama da missão. Deve-se considerar o programa denominacional; procurar dar vida às sugestões do Campo, a fim de eliminar a sequência promocional das mensagens.
- Sermões alusivos a ocasiões especiais, tais como Dia das Mães, Páscoa, Dia dos Pais, etc.
- Sermões sobre as necessidades congregacionais. O pregador, especialmente se ele for o pastor ou o ancião, saberá identificá-las ao desempenhar a tarefa de visitação constante e sistemática. Essa é uma das razões pelas quais a visitação pastoral jamais deve ser negligenciada.
- Dos escritos de Ellen White, podemos captar algumas sugestões de temas: Expição, intercessão, segunda vinda, ressurreição, lei de Deus, a cruz de Cristo, princípios de saúde, Daniel e Apocalipse, dons espirituais, mordomia, fé, entre outros.

Sermões em série

Um item bastante eficaz são os sermões apresentados em série, como sugerido a seguir:

1. Oito sermões sobre salvação

Depravação total ou parcial?

Expição – a resposta de Deus.

Arrependimento – o que Deus requer do homem.

Justificação – a justiça de Deus torna-se nossa.

Regeneração – a vida de Deus torna-se nossa.

Adoção – a família de Deus torna-se nossa.

Santificação – a santidade de Deus torna-se nossa.

Glorificação – a glória de Deus torna-se nossa.

2. Os sete maiores livros da Bíblia

Gênesis – o livro das origens.

Salmos – o livro dos cânticos.

Isaías – o livro das majestosas profecias.

João – o livro da salvação.

Romanos – o livro da teologia.

Hebreus – o livro das melhores coisas.

Apocalipse – o livro do fim.

3. Grandes textos da Bíblia

Gênesis 3:15 – a guerra das sementes.

Levítico 17:11 – o poder do sangue.

Rute 1:16 e 17 – decisão e destino.

Isaías 1:18 – pecado, lã e neve.

Isaías 53:6 – o carregador de pecados.

Daniel 5:27 – pesado e achado em falta.

Miquéias 6:8 – o que Jeová requer.

Habacuque 2:4 – justificado pela fé.

Mateus 11:28 e 29 – descanso para o cansado.

Marcos 8:36 – o valor de uma alma.

João 3:16 – a maior mensagem.

Atos 4:12 – nenhum outro nome.

Romanos 8:28 – tudo para o bem.

Efésios 2:8 e 9 – salvo pela graça.

Gálatas 2:19 e 20 – crucificado com Cristo.

Hebreus 7:25 – completamente salvo.

4. As sete igrejas do Apocalipse

5. As bem-aventuranças

6. A oração do Senhor

7. O Salmo 23

8. Ano Bíblico

Sermões sobre a porção bíblica indicada no programa do Ano Bíblico.

9. As grandes orações da Bíblia

10. Biografias de personagens bíblicos

E há outras idéias que cada pregador pode ter, originadas de sua própria experiência e de seus estudos devocionais. A Bíblia é uma fonte inesgotável, da qual o pastor necessita beber fartamente. Somente assim estará em condições de nutrir o rebanho. E deve fazê-lo dentro de um plano bem elaborado. Andrew Blackwood já dizia que “o pastor sábio prega de acordo com um programa. Ele mesmo o faz e está livre para alterá-lo à sua vontade. Considera a si mesmo como um jardineiro nomeado pelo rei para alimentar centenas de pessoas durante o ano”. **M**





Horne P. Silva

D.Min., professor de Teologia, jubilado, reside em São Paulo, SP

Dia do Pastor

Quando o pregador vai além da mera preleção moral, ética ou social, e apresenta a Palavra de Deus, os adoradores crescem com ele

O sermão no lugar certo

Como parte do culto de adoração, o sermão deve ser nada menos que um encontro entre Deus e Seu povo, no qual o pregador, ao expor as Escrituras, torna-se o porta-voz divino. Um consagrado ministro, um pregador cheio do poder do Espírito Santo, é um conduto através do qual Deus confronta a humanidade. No plano divino, o sermão não é simplesmente alguma coisa boa, feita por um homem bom. Não é meramente uma palestra teológica ou bíblica. Não é um comentário sobre eventos correntes. Através do sermão, Deus Se revela alcançando-nos e apelando para tomada de decisões que têm conseqüências eternas.

Paulo escreveu a Timóteo: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela Sua manifestação e pelo Seu reino: prega a Palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (II Tím. 4:1 e 2).

“Nessas incisivas e fortes palavras, torna-se patente o dever do pastor de Cristo. Ele tem de pregar a ‘palavra’,

não as opiniões e tradições dos homens, não fábulas aprazíveis ou histórias sensacionais, para mover a imaginação e despertar as emoções. Não deve exaltar-se, mas, como na presença de Deus, colocar-se perante o mundo a perecer, e pregar a palavra. Não deve haver nenhuma leviandade, nenhuma frivolidade, nenhuma interpretação fantasiosa; o pastor deve falar com sinceridade e profunda seriedade, como uma voz vinda de Deus a expor as Sagradas Escrituras. Cumpre-lhe oferecer aos ouvintes aquilo que é de maior interesse para seu bem presente e eterno.” – *Obreiros Evangélicos*, pág. 147.

Pregação é a transmissão de uma mensagem que se origina em Deus e é transmitida por ordem de Deus. E isso é possível apenas tendo como base a Palavra de Deus, a Bíblia. Por conseguinte, quando é desempenhada no poder divino, e na presença do Senhor, a pregação não somente tem seu ponto de partida em Deus, mas também tem nEle o seu fim ou objetivo.

Daí a importância de mais este conselho de Ellen White: “Prega diretamente da Palavra, fazendo com que

ela fale a todas as classes. Seus argumentos convincentes são as palavras do Antigo e do Novo Testamentos. Não busca palavras que meramente impressionem as pessoas com a sua erudição, mas esforça-se para deixar que a Palavra de Deus lhes fale diretamente com expressões claras e distintas. Para que alguém recuse aceitar a mensagem, tem que recusar a Palavra.” – *Evangelismo*, pág. 204.

Ponte entre Deus e o homem

Na adoração, certamente, existe o diálogo entre a Palavra de Deus e a palavra do homem, entre Deus e o homem, entre o homem e o próximo. A pregação é completa quando a Palavra de Deus encontra ressonância no homem, a quem ela é dirigida. Por isso a pregação é a ponte que une Deus e o homem. É a dinâmica da adoração que o profeta Isaías descreve no capítulo seis do seu livro. É o chamado de Deus e a resposta do homem; a confissão humana e o perdão divino. É a proclamação da Palavra e a dedicação do adorador; a comissão ao serviço e a promessa de poder para o

cumprimento da tarefa. É a pregação que confere à adoração um existencial contemporâneo e se relaciona com a vida dos adoradores. A pregação é o veículo por excelência para a transmissão da graça divina, que vem como resultado da adoração.

Há lugares privilegiados com um lindo templo, edificado com uma arquitetura perfeita e adequada, onde a igreja segue uma liturgia expressiva com instrumentos magistralmente executados e um coral inspirador. Contudo, não há o homem que fale em nome e sob o poder do Deus vivo, daí resultando o declínio espiritual da congregação. Ser um pregador é a mais alta vocação a que um homem pode ser chamado. E somente através do Espírito Santo é que podemos cumpri-la. “A pregação da Palavra não será de nenhum proveito sem a contínua presença e ajuda do Espírito Santo.” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 671.

Existem alguns pastores que pensam e até se vangloriam de saber fazer muitas outras coisas, melhor do que pregar. Será uma grande ajuda para esses pastores a lembrança de que em cada congregação pode haver leigos que os superam como administradores, financistas, relações públicas, entre outras habilidades. Mas há um lugar onde o pastor deveria ser único, a saber, o púlpito. Espera-se que o pastor, consagrado a Deus, seja o máximo na pregação. Por outro lado, reconhecemos que é muito mais fácil para alguém viver numa desenfreada correria, de um lado para outro, do que dedicar-se a ser um bom pregador da Palavra de Deus. Embora deva ser fiel e diligente na execução de todas as atividades requeridas pelo seu trabalho, nada deve impedir o pastor de se tornar um gigante da Palavra no púlpito.

Pregação é insubstituível

Lamentavelmente, há um descontentamento bem difundido consoante à pregação. Há queixas relacionadas a sermões fracos no conteúdo e na apresentação. Os membros das igrejas estão preocupados com a qualidade dos sermões que estão ouvindo. Eles amam e respeitam seus pastores, mas desejam que estes preguem melhores sermões; que sejam realmente pregadores da Palavra que alimenta e sustenta.

O que poderia ser feito para melhorar essa situação? Aqui oferecemos algumas sugestões:

Devemos decidir, de uma vez por todas, que não existem substitutos para a pregação. É bem verdade que os dirigentes ou as comissões que avaliam o trabalho do pastor nem sempre estão a par da qualidade sua pregação. Conheçam as habilidades promocionais do pastor, suas aptidões como comunicador e administrador. Nos relatórios mensais não há um item de avaliação da qualidade dos sermões, mas apenas da quantidade deles. O pastor pode até ser bem-sucedido em diferentes áreas e pecar como pregador. Um dos grandes momentos na vida de um pastor adventista é quando ele se põe diante de sua congregação para apresentar a Palavra de Deus. Nada, absolutamente, deveria impedi-lo de se tornar um grande pregador. Essa é uma santa ambição.

Deveríamos estar dispostos a pagar o preço de nos tornarmos bons pregadores. Qual é esse preço? Longas horas de estudo exaustivo e meditação na Palavra de Deus; horas gastas em escrever, esboçar, memorizar, praticar e viver o sermão. Durante todo o tempo, em tudo o que fazemos, devemos estar preparando o sermão. Sob quaisquer circunstâncias, as mais diversas possíveis, o pregador deve estar constantemente pensando no que vai pregar. Isto é a sua vida.

Precisamos descobrir em que consiste realmente uma boa pregação. Alguns pastores são bem fluentes, e com pouco trabalho alcançam o objetivo desejado. Podem ajuntar alguns poucos textos, ilustrações, citações, e apresentar um sermão, sem muito esforço. Contudo, bem analisados, tais sermões não passam de repetições banais, clichês irrelevantes. Logo fica evidente a vacuidade de sua apresentação. Há outro tipo de pregação que se ocupa da exposição de normas moralistas, notícias correntes, problemas sociais, histórias engraçadas; tudo muito interessante, mas não é sermão.

Quatro itens na pregação

Uma boa pregação realmente é a exposição da Palavra de Deus, com o propósito de enaltecer a Cristo, levando os ouvintes a aceitá-Lo. Somos instados a pregar “de maneira tal que as pessoas possam aprender as grandes idéias e extraiam o minério precioso contido nas Escrituras” (*Evangelismo*, pág. 169). Esse tipo de sermão é mais que repetições superficiais de idéias comuns. Deve revelar uma intimidade real com a Palavra de Deus e Seu autor. Quando o pastor fala no momento do culto, isso deve ser pregação da Palavra. Em outra ocasião qualquer, ele pode fazer discursos e palestras. Não pregar a Palavra no momento do culto é uma falha indesculpável.

Seria apropriado que os pregadores lessem freqüentemente o capítulo 40 do livro de Isaías. Ali o profeta pergunta: “Que hei de clamar?” A resposta divina conduz então ao que realmente é a pregação. Quatro pontos mencionados naquela porção bíblica devem ser encontrados em cada sermão:

- Preguar sobre a transitoriedade da vida e a eternidade (Isa. 40:6-8).
- Preguar sobre o primeiro advento de Cristo, para tirar o pecado e produzir reconciliação.



Nada deve impedir que o pastor seja um gigante da Palavra

- Pregador sobre a segunda vinda de Jesus, o reino de Deus e o juízo final (v. 10).
- Pregador consolação (v. 1), esperança, certeza e segurança em Deus (v. 11).

Nossa pregação deveria estar de acordo com as necessidades dos ouvintes. Parece que muitos pregadores estão respondendo perguntas que o povo não está fazendo. Há pregadores tão cheios de teorias teológicas que se esquecem completamente das necessidades de sua grei. Falam do que apenas interessa a eles, sem a preocupação de alcançar os ouvintes. Como resultado, os ouvintes logo mudam de canal, deixando-os falando ao vento. Pregadores novatos ou experientes devem saber comunicar-se com os ouvintes. Sempre devem ter em mente que toda exposição da Palavra, todo sermão pregado em um culto, deve ser a mensagem de Deus que supre alguma necessidade humana.

Lições sempre atuais

O que apresentamos a seguir é parte de um artigo escrito pelo Pastor Robert Pierson, ex-presidente da Associação Geral, já falecido. Embora tenha sido publicado há aproximadamente 40 anos, as lições que encerra são extremamente válidas para nossos dias.

“Naquela manhã de sábado, a grande congregação achava-se reunida para o culto. Era uma de nossas grandes igrejas. O presidente da Associação estava designado para falar no culto divino. Ele havia trabalhado muitos anos no campo missionário e, sendo meu amigo, eu aguardava com desusada ansiedade sua mensagem inspiradora e interessante.

“Os ponteiros do relógio do templo marcavam exatamente onze horas. Olhei, esperançoso, para a porta da sala pastoral, esperando que a qualquer momento se abrisse e os irmãos que tomariam parte na direção do culto se dirigissem para a plataforma. Somente cinco minutos depois das onze minhas esperanças se realizaram, e todos ocupavam seus lugares.

“As partes de abertura do programa do culto se fizeram normalmente. Todos os anúncios que constavam da agenda foram devidamente lidos, realçados, e ampliados até. Uma campanha que então se fazia ocupou completamente uns bons dez minutos. Mais uns poucos anúncios extras e

lembretes foram feitos em boa medida. Levantaram-se duas ofertas – a de praxe e uma outra especial para uma causa, sem dúvida muito digna.

“Ao tempo em que essas partes se fizeram, o relógio da igreja nos lembrava de que eram onze horas e quarenta minutos. Comecei a tornar-me impaciente. Estava ansioso para ouvir o pastor falar. Mas para a minha aflição descobri que o fim ainda não chegara. Ainda outros diversos pormenores requeriam atenção – cartas de transferências, e um diácono que foi ordenado. Receei que o pastor não pudesse ser apresentado antes do hino final. Meus temores, no entanto, eram infundados, pois exatamente sete minutos antes das doze horas o culto foi entregue ao orador do dia. Homem de muito tato, o pastor pregou um sermão de apenas sete minutos, sem referência nenhuma ao atraso. Ambos os ponteiros do relógio do salão cobriam precisamente o algarismo doze quando ele se assentou.

“Senti-me roubado. Pessoalmente necessitava de toda a mensagem daquele pastor. Deixei a igreja com íntimos ressentimentos com as muitas partes apresentadas e que deixaram apenas sete minutos para o estudo da Palavra de Deus.

“Felizmente este fato verídico aqui descrito não é comum. Normalmente, como pastores, temos mais do que sete minutos para o nosso sermão do sábado. Contudo, em muitíssimas igrejas, muitas partes extras, excesso de apresentações especiais e anúncios dispensáveis estão prejudicando o tempo de exposição da Palavra. Muitas coisas, boas em si mesmas em ocasiões apropriadas, estão tomando os minutos que devem ser considerados sagrados para o estudo da Palavra de Deus.

“Visitar uma grande igreja em uma cidade constitui sempre júbilo para o pregador visitante. Tendo pregado muitas vezes em algumas delas posso falar de experiência própria. Numa dessas igrejas que conheço, o pastor é um dirigente consagrado e eficiente. Ele traz tudo bem organizado e antecipado para o culto divino. Todos os que vão tomar parte são disso notificados previamente. Não há atropelos de última hora. Cada pessoa que deverá subir à plataforma recebe um exemplar do programa de culto, ao entrar na sala pastoral após a Escola Sabatina.

“Nessa igreja o culto começa pontualmente. Nenhuma demora prejudica o sermão. No momento designado, os oficiais tomam seus assentos na plataforma. Os membros acostumaram-se com essa pontualidade e se colocam em atitude reverente aguardando o início do culto. O pastor usa um boletim de anúncios muito atrativo. Contém os anúncios regulares para a semana e, desde que a congregação recebe o boletim e o lê, não julga necessário repetir o seu conteúdo. Em certas ocasiões, poderá haver anúncios especiais de última hora, ou necessidade de realçar alguma atividade também especial, porém normalmente o boletim semanal é suficiente, e no púlpito não são feitos anúncios. Ele pede que as matérias a ser anunciadas estejam no seu escritório até quinta-feira, com tempo de sobra para aparecerem no boletim.

“O desenvolvimento de nossos vários planos departamentais da Igreja tem seu lugar na agenda. Não os negligenciamos. Um bom sermão espiritual sobre a recolta ou a educação cristã pode ser uma parte do culto como um sermão sobre o novo nascimento. Colocando-se a devida moldura espiritual em nossos sermões, eles ficam qualificados para o culto sabático.

“Através dos anos, observei que várias campanhas podem ser promovidas com eficácia em outros momentos, que não os do culto. O culto do primeiro sábado do mês, normalmente dedicado às atividades missionárias, a Escola Sabatina, as reuniões dos jovens – tudo oferece excelentes oportunidades para realçar as atividades desses setores. Se planejarmos cuidadosamente, estas partes importantes não prejudicam o tempo que deve ser devotado ao estudo da Palavra de Deus, no culto de adoração.

“Deixemos Deus falar. Não Lhe abafemos a voz com outras coisas, boas e dignas de atenção em outras ocasiões. Demos ao pregador seu devido lugar no culto de adoração.” **M**

Sermão em grupo

Um modelo que incentiva a criatividade da igreja e ajuda a produzir mensagens relevantes



Derek J. Morris

Pastor em Calimesa, Califórnia, Estados Unidos

Está você em dúvida quanto à efetividade dos seus sermões semanais? Em caso afirmativo, gostaria de receber alguma ajuda? Experimente liberar as forças criativas de sua congregação, apresentando-lhe uma mensagem preparada com a utilização da técnica de grupo. Você divide os ouvintes em grupos, nos quais eles discutem o tema escolhido para o sermão. Então, na ocasião apropriada, você faz a exposição do assunto, acrescentando à sua pesquisa o material fornecido pela discussão. Pode parecer uma idéia curiosa, mas a primeira vez que eu tive contato com ela foi quando li o livro *Between Two Worlds* [Entre Dois Mundos], de John R. W. Stott.¹

A certa altura de sua argumentação, Stott descreve o andamento de um diálogo pré-sermão conforme segue: “A discussão era invariavelmente vigorosa, e em muitas ocasiões surpreendi-me sentado e ouvindo o debate desenvolvido entre duas opiniões diferentes. A prática de procurar ouvir tudo discretamente provou ser extremamente estimulante e iluminadora.”² “Às vezes eu procurava fazer perguntas aos participantes, porque eu sabia em que direção queria conduzir o assunto. Então me sentava e ficava ouvindo enquanto eles debatiam as respostas.”³

A diversificada composição desse sermão em grupo enriqueceu a pregação de Stott, enquanto ele preparava sua série intitulada “Problemas da Inglaterra”. Quando abordou a questão do desemprego, Stott disse ter notado que os participantes do grupo que debateram o tema o ajudaram a “sentir o que eles sentiam – o choque, a rejeição, a mágoa, a humilhação e o senso de abandono que só um desempregado pode experimentar”.⁴ E conclui: “A experiência foi completamente criativa, embora houvesse alguma dificuldade para relacionar princípios bíblicos e o contexto contemporâneo.”⁵

Recentemente experimentei usar esta estratégia ao preparar uma série de sermões sobre o cristianismo no dia-a-dia.⁶ A série consistia de quatro sermões: “Como ser cristão na sala de aula”; “Como ser profissionais de saúde cristãos”; “Como ser cristão nos negócios” e “Como ser cristão no lar”. Na preparação de cada um desses sermões, eu promovia uma reunião com diversos grupos para discutir o assunto, sempre às terças-feiras à noite.

Cristianismo na aula

Havia cinco pessoas na primeira reunião de grupo que fiz, discutindo como ser cristão na sala de aulas: um professor universitário de ética, um professor de inglês, uma professora do Ensino Fundamental, um segundanista do Ensino Médio e uma estudante universitária, também segundanista. A reunião durou pouco mais de uma hora e os resultados foram magníficos. Eu havia aprendido com Stott que meu principal objetivo nesse encontro era ouvir. Fiel a esse aspecto, logo pude perceber que muitos componentes do grupo viveram experiências nas quais os professores não se demonstraram cristãos na sala de aula.

Nadine, a professora do Ensino Fundamental, partilhou uma embaraçosa história sobre um evento traumático que ela experimentou quando estava prestes a concluir seu curso. Certo professor costumava bater com força uma régua de madeira em sua mesa, supostamente para despertar os estudantes. Em uma ocasião, ele marchou pela sala de aula com um rolo de fita adesiva com a qual amarrou as mãos e o livro de uma estudante na carteira. Ninguém entendia o que estava acontecendo. Em seguida, ele enrolou a fita na cabeça da atônita moça, voltou ao seu lugar e caiu na gargalhada.

Enquanto Nadine relatava essa experiência aos componentes do grupo, notei a expressão de choque em seu rosto. Para ela, aquele era um

exemplo dramático de como não agir como cristão em uma sala de aula. Incluí a mesma história no sermão que preguei sobre o assunto naquela semana, e pedi a Nadine para ela mesma fazer o relato. A congregação obviamente ficou surpresa e atenta enquanto eu caminhava em sua direção com um microfone, dando-lhe a oportunidade de partilhar sua experiência.

Outra poderosa ilustração veio do professor de inglês. Ele falou ao grupo sobre uma carta que recebeu de um estudante, o qual relatava o impacto positivo que os ensinamentos recebidos causaram em sua vida. Esse relato foi um exemplo poderoso e positivo da prática do cristianismo na sala de aula. Outro membro do grupo pediu-lhe para levar a carta à igreja no dia do sermão. Ele aceitou a sugestão e contou a experiência no final da mensagem. A congregação estava visivelmente emocionada, enquanto o Professor Monte lia a carta de um aluno cuja vida fora transformada por um professor que revelou cristianismo prático durante as aulas.

Sessenta e um professores vieram à frente, quando fiz um apelo para reafirmação da entrega de sua vida e seus talentos ao Senhor, no final do sermão. Responderam ao desafio de serem cristãos na sala de aula, ensinar com paixão e tratar seus alunos compassivamente. Ao terminar a programação daquela dia, muitas pessoas se ofereciam para fazer parte dos próximos grupos da série.

Uma professora, cuja vida fora profundamente tocada pelo sermão me enviou uma mensagem pelo correio eletrônico, sugerindo que seu esposo fosse incluído no grupo que estudaria o tema “como ser cristão nos negócios”. Compreendi então que a estratégia estava despertando as energias criativas da congregação.

Cristianismo na saúde

O segundo grupo de estudos para o sermão reuniu-se na terça-feira seguinte. A discussão programada era sobre “como ser profissionais de saúde cristãos”. Pude sentir a força, o interesse e o entusiasmo do grupo, composto por um médico, três enfermeiras, um orientador pedagógico e o capelão da enfermagem de um hospital cristão.

Novamente, minha tarefa primária era ouvir. O tempo passou rapidamente enquanto eu ouvia relatos daqueles profissionais, alguns dos quais disseram ter voltado para casa chorando no automóvel, algumas vezes, esmagados pela maré das necessidades humanas, que parecia querer afogá-los.

Alguém no grupo se referiu ao texto de Marcos 6, segundo o qual Jesus e os discípulos foram movidos pelas necessidades do povo. Naquele relato, nós encontramos uma vívida descrição do problema e a solução divinamente inspirada: os profissionais de saúde cristãos devem permitir que Jesus cuide deles, a fim de que sempre tenham algo a oferecer a um mundo necessitado. Devem abrir-se a Cristo, permitindo que Ele os dirija em relação a quando e como devem cuidar de outras pessoas. Somente assim, poderão seguir o modo de Cristo e cuidar incondicionalmente. Durante a apresentação do sermão, os profissionais de saúde da igreja foram desafiados a exercer seu trabalho da mesma forma como Jesus faz com eles.

Por volta da terceira semana, professores e profissionais de saúde que estiveram fora da cidade, durante as duas apresentações, estavam solicitando cópias das mensagens. Realmente aconteceu algo maravilhoso.



Cristianismo nos negócios

O terceiro sermão preparado em grupo abordou o desafio de ser cristão no mundo dos negócios. O grupo de estudos foi composto por um empresário que operava uma pequena concessionária de automóveis, um especialista em treinamento de pessoal que trabalhava para quatro empresas, um experiente e muito solicitado consultor de informática, a esposa de um dentista que gerenciava a clínica do esposo, e o proprietário de uma agência de viagens.

O grupo gastou um pouco mais de tempo que o normal, quase uma hora e meia, discutindo como podemos revelar cristianismo no dia-a-dia dos negócios. Pela experiência vivida nessa ocasião, devo lembrá-lo de que o grupo não é reunido com o objetivo de escrever ou esboçar o seu sermão. Ele serve apenas como catalisador, levantando questões, analisando desafios e oportunidades do ambiente em que as pessoas vivem.

Depois de um período de oração e reflexão com esse grupo, nos reportamos à narrativa de Lucas 19, que fala do encontro de Jesus com um indivíduo de mentalidade altamente secular e capitalista, chamado Zaqueu. Descobri duas significativas mudanças ocorridas na vida desse homem como resultado do seu encontro com Cristo. Zaqueu experimentou mudança de atitude e de ética em seus negócios. Depois do encontro com Jesus, já não era um indivíduo obcecado por dinheiro, mas pela oportunidade de servir. Ao invés de procurar levar vantagem sobre os clientes, buscava tratá-los como gostaria de ser tratado.

Mais uma vez, depois de ter pregado o sermão, foi maravilhoso observar irmãos envolvidos em vários ramos de negócios respondendo ao apelo para honrar a Cristo em suas atividades.

Cristianismo no lar

O último sermão da série tratou da vida cristã no lar. Sete pessoas, entre pais e filhos, participaram do grupo que me ajudou a preparar a mensagem. A faixa etária delas variava de uma jovem mãe no início dos seus 30 anos a uma vovó com pouco mais de 60 anos. Enquanto eu ouvia a interação do grupo, alimentei a impressão de que viver o cristianismo dentro de casa era o maior de todos os desafios.

Muitos membros do grupo partilhavam histórias dolorosas de hipocrisia no lar, onde o comportamento privado contradizia a profissão pública. Havia lágrimas deslizando pela face de uma jovem que se declarava vítima de muitos abusos por parte do pai, um professo cristão e membro da igreja. Olhei ao redor e vi que outros irmãos também choravam. E compreendi que necessitava fazer referência a esse caso durante o sermão.

Como você sabe, a palavra “hipócrita” origina-se de um termo usado em antigos divertimentos gregos. O ator que escondia sua verdadeira identidade atrás de uma máscara era chamado um *hypocrate*. Um dos membros do grupo conseguiu uma máscara utilizada em bailes e, durante o sermão, sempre que eu fazia referência à hipocrisia, cobria meu rosto com ela.

Partilhei três maneiras de se evitar a hipocrisia e, desse modo, manifestar um espírito cristão no lar: admitir que você é um pecador em constante necessidade da graça de Deus; perdoar os outros assim como Deus o perdoa; e reconhecer a necessidade de crescer na graça.

O sermão foi concluído com o testemunho de um outro membro do grupo. Nancy partilhou sua história de convi-

vência com um casal que lhe foi um maravilhoso exemplo de cristianismo no lar. Quando esse casal tinha filhos pequenos, ela trabalhou como babá em sua casa. Um dia, ela falou a um dos membros da família: “Este pessoal é tão sincero, tão agradável, que se Len [o esposo] tivesse um irmão mais jovem, eu me casaria com ele.” O resultado é que agora Nancy está casada com Larry, o irmão mais novo de Len.

Os irmãos riram muito enquanto Nancy contava sua história. E a lição é clara. Embora a hipocrisia produza sérios prejuízos à vida familiar, o verdadeiro cristianismo vivido no lar resulta em grandes bênçãos.

Experiência compensadora

Achei a tentativa de elaborar sermões com base na técnica de grupo uma experiência animadora. O grupo pode ser utilizado de muitas formas. A minha série foi composta por sermões de tópico. Mas podemos utilizar o grupo também quando planejamos pregar uma série de sermões expositivos. Nesse caso, a composição do grupo pode até nem mudar a cada semana, mas um só grupo serve para toda a série.

Os membros da equipe poderiam receber o texto do sermão e estudá-lo em grupo. Aí poderiam discutir as questões que normalmente surgem do estudo de uma passagem bíblica. O que este texto significa? Como ele se aplica à minha vida hoje? Experiências pessoais e histórias podem surgir daí, iluminando o conceito bíblico em discussão.

O uso da técnica de grupo como uma estratégia na preparação de sermões relevantes não está limitado a grandes congregações. Diz Stott: “Sou muito relutante em aceitar a idéia de que a pequena igreja do interior e seu pastor muito atarefado não podem fazer nada. Se uma série de sermões cuidadosamente preparada não pode ser feita durante um trimestre, não é impossível durante um ano. Se uma congregação não possui entre seus membros cristãos suficientemente maduros, especialistas em sua área, deve haver alguém que pertença a outra igreja e que terá boa vontade para colaborar dentro de sua especialidade, numa discussão de grupo para a qual seja convidado. E certamente ficará agradecido.”

A técnica de grupo no sermão não é muleta para preguiça ou descuido por parte do pregador. O grupo não escreve nem esboça o sermão, nem dispensa cuidadosa exegese. Entretanto, estou convencido de que o uso dessa técnica despertará a força criativa da congregação e ajudará muito na contextualização das mensagens.

Ainda de acordo com Stott, “não é justo que os irmãos façam questões e nós as respondamos, desde que também temos questões que eles podem responder. Apresentando uns aos outros suas questões, nós, de uma perspectiva bíblica, e eles, da perspectiva contemporânea, podemos juntos discernir que respostas podem ser encontradas, já que a Palavra deve ser contextualizada no mundo”.⁷ **M**

Referências:

¹ John R. W. Stott, *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1982).

² *Ibidem*, pág. 199.

³ Entrevista de Derek J. Morris com John R. W. Stott, 12/08/96. Citado em *Listening to the Listener: Audience Feedback as a Resource for Relevant Biblical Preaching*. Tese doutoral, Gordon-Conwell Theological Seminary, 1998, pág. 111.

⁴ John R. W. Stott, *Op. Cit.*, pág. 199.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Cópias e áudio dos sermões estão disponíveis no site da igreja adventista de Calimesa, Califórnia, Estados Unidos: www.calimesasda.com

⁷ John Stott, *Op. Cit.*, págs. 200 e 201.



Patrick Boyle

Pastor jubilado,
reside em Watford,
Hertfordshire,
Inglaterra

Especial

*Cinco
características
indispensáveis
de um
sermão
verdadeiramente
efetivo*

O *eric* da pregação

Pregar não é simplesmente sermonear ou apresentar uma conferência sobre qualquer assunto, embora a prática de sermonear ou de fazer uma conferência apareça, não raro, como substituta da pregação ou compreendida como tal. A utilização desse substitutivo significa que as congregações são, com muita frequência, submetidas a um período de 25 minutos a uma hora de falatório humano, vazio de graça salvadora. As características desse falatório variam da exibição de brilhantismo intelectual à simples arenga cheia de banalidades, destituída de qualquer conteúdo significativo. As congregações sofrem; a duras penas suportam tal situação, e, algumas vezes, encontram no sono o único meio de escapar dessa forma de perseguição religiosa.

Ser alguém chamado por Deus para proclamar Sua verdade salvadora em Cristo Jesus é um privilégio incomparável. Um privilégio que, muito frequentemente, não é reconhecido e na maioria das vezes é desperdiçado. A tragédia não é apenas que os adoradores não são alimentados, mas que a oportunidade para que a graça e o po-

der divinos toquem vidas é desperdiçada. O momento de adoração torna-se assim, na melhor das hipóteses, uma experiência social com entretenimento leve e, com maior frequência, um exercício de paciência.

Em direção a Deus

Jamais houve tempo em que a pregação estivesse livre dos seus detratores e críticos. Nem haverá. Apesar disso, em sua mais verdadeira e melhor expressão, a pregação do evangelho ergue a alma humana, levando-a à presença de Deus. O pregador torna-se o agente através do qual as necessidades humanas são conectadas ao poder divino. Deus e a humanidade se unem em um encontro divino que salva, fortalece e renova o indivíduo. A igreja necessita desesperadamente desse tipo de pregação. Qualquer coisa fora dessa realidade leva a congregação a transformar-se em um confortável grupo social de muitos matizes, isolada da realidade, do poder e da presença de Cristo.

A pregação, nos púlpitos contemporâneos, pode aparecer subvertida por apresentações em *power point*, sermões enlatados tirados da internet, ou

plagiados de livros e revistas. E os ouvintes saem famintos daquele encontro com Deus que a pregação deve proporcionar. Nenhum pregador acerta o alvo todas as vezes. Há ocasiões em que as coisas não dão certo, tudo sai terrivelmente errado, apesar dos nossos melhores esforços. Mas permaneça o fato de que a pregação bíblica cria uma sólida experiência cristã.

Qualquer pessoa que tenha estado sob a pregação do evangelho vivo conhece a bênção resultante dessa experiência. Ele move homens, mulheres, jovens e crianças em direção a Deus, em uma forma definitiva.

Durante um pastorado desenvolvido por mais de 40 anos, tive o privilégio e a alegria de ouvir sermões de pregadores famosos e anônimos, ser abençoado e aproximado de Deus através das mensagens que eles pregaram. Homens como Martin Lloyd Jones, Billy Graham, James Stewart e John Stott não estão sozinhos no trabalho de ligar a alma humana com o coração de Deus. Pregadores e pastores relativamente desconhecidos, em igrejas cristãs de todas as tradições têm, através de suas mensagens cheias do Espírito, o

levado homens e mulheres sem conta à presença de Deus. Afinal, essa é a razão última, o alvo principal da verdadeira pregação cristã.

Elementos comuns

A igreja adventista do sétimo dia foi abençoada, em anos passados, pela existência de pregadores tais como Roy Allan Anderson, H. M. S. Richards, Norval Pease, Charles Bradford e outros. Nos dias atuais, há muitos nomes de expressão, também conhecidos por sua vida de poder e influência da pregação bíblica.

Para ser relevante, o pregador deve ter conhecimento de Deus e das necessidades humanas

O elemento comum em todos esses pregadores sempre foi, e ainda é, a proclamação da graça salvadora e do poder de Jesus Cristo. Como Paulo, eles foram alcançados e dominados pela graça, e foram compelidos a proclamá-la. Comunicaram às respectivas audiências o que eles creram, e experimentaram o envolvimento de Deus em seu próprio coração e mente. Conseguiram mover outras pessoas porque eles mesmos foram movidos.

É muito improvável que um pregador preencha sempre as necessidades de todos os seus ouvintes. Também é verdade que a pregação derivada da experiência pessoal do pregador, com Deus e com o povo, tem mais possibilidades de auxiliar o maior número de pessoas que ouvem sua mensagem.

Toda pregação efetiva tem elementos comuns, sem os quais seu valor é significativamente reduzido. A pregação deve brotar de uma ideologia que informa e influencia como e o que o pregador crê e transmite. Esse conceito pode ser ilustrado pela oportunidade às vezes oferecida a um pastor, de pregar em uma igreja que não seja a sua. O que falará? Suponhamos que você seja convidado a falar em uma congregação a respeito da qual não tem o mínimo conhecimento. O que você dirá que signifique uma bênção àqueles que irão ouvi-lo? Como você pode esperar conectá-los a Deus?

É aqui onde uma ideologia que informa, ou a falta dela, se mostra mais dramaticamente. Um pregador deve conhecer Deus, e também deve compreender homens e mulheres com suas necessidades. Esses elementos são fruto de sua intimidade com a Palavra de Deus e seu conhecimento das pessoas, através da visitação nos lares.

A esta altura, desejo apresentar uma filosofia de pregação, que me tem ajudado muito a evitar os excessos da pobreza homilética. Apesar de que, quando reflito sobre muitos dos sermões que tenho pregado, eu me encolho de vergonha, embaraçado com minha ignorância e falta de percepção do que estava fazendo.

Hoje, quando estou preparando qualquer sermão, escrevo a sigla *eric* no topo da página. Esse acrônimo expressa

uma abordagem ideológica da preparação da mensagem. Ele me tem livrado da tentação de pensar apenas numa palestra ou conferência, e, na maioria das vezes, de simplesmente sermonear. O *eric* focaliza minha mente naquilo que eu deveria fazer. Conservo-me atento para os elementos essenciais de um sermão: encorajamento, relevância, instrução/ilustração e Cristo.

Encorajamento

Todas as pessoas são beneficiadas pelo encorajamento. Ninguém o rejeita. Quando você reflete sobre a realidade experimentada por seus ouvintes, suas lutas, os difíceis caminhos da vida que têm trilhado, seus altos e baixos, você pode captar facilmente a idéia de que o encorajamento – alguma coisa que especificamente os anime – ajudará a maioria deles.

O doente será encorajado. Pais que lutam com dificuldade para encaminhar seus filhos na vereda cristã serão encorajados. Jovens com seus conflitos e questionamentos, tentando administrar o que fazer com a vida, darão boas-vindas a palavras de encorajamento. O idoso que se sente inútil, o desempregado, o doente crônico, o desanimado, cada um e todos eles serão beneficiados pelo encorajamento. Especialmente se isso vem de Deus, de Sua Palavra, conferindo significado e esperança à alma.

O encorajamento que os ouvintes recebem, vindo do coração de Deus, os erguerá e solidificará sua determinação de continuar lutando por seus ideais, perseguindo melhores coisas. Encorajamento cria esperança e abençoa a alma do ouvinte e do pregador. Ninguém o rejeita, muito menos sofre ou sente-se deprimido ao recebê-lo. Para ser efetivos, os sermões devem ter um elemento de ânimo.

Relevância

É mais fácil do que se imagina, e fatal, pregar sermões irrelevantes. Por irrelevância, quero dizer sermões que não coçam onde o povo sente a coceira. Lamentavelmente, quem não tem sido vítima – como pregador ou ouvinte – desse infortúnio?

Esse fato chamou-me a atenção alguns anos atrás quando fui convidado a coordenar o estudo da lição em uma unidade da Escola Sabatina. O assunto era “Preparação para o casamento”. Mas a unidade era composta por um grupo de senhoras idosas, algumas das quais eram solteironas. Ninguém tinha menos de 70 anos. Todos nós, felizmente, logo percebemos o aspecto humorado e irrelevante do assunto naquele caso particular. E bom humor, não graça, animou a hora do estudo. A relevância estava ausente.

A pregação deve estar direcionada às necessidades humanas com precisão germânica. Pode ter, e na verdade tem, outros aspectos; mas deve ser relevante para aqueles a quem é dirigida. Uma aspirina não pode ajudar um homem cuja perna está para ser amputada. Falar sobre os enfeites do vestuário do sumo sacerdote ou definir os parâmetros clássicos do existencialismo pode não ser relevante para a alma que se encontra lutando com o desespero e a depressão.

Nesse sentido, o pregador necessita policiar-se a fim de que não acabe malhando em ferro frio. Conheci um pastor que pregou sobre o tema da música por onze semanas em um trimestre, incluindo o sermão da Santa Ceia. Sua irrelevância contribuiu para formar uma congregação crítica e inquieta. Ao contrário disso, a pregação que é relevante forma cristãos amadurecidos que são motivados a viver a vida cristã.

Relevância e visitação pastoral se favorecem mutuamente. Um pastor visitador conhece as necessidades do seu rebanho, ao estar com as ovelhas na casa delas. Andrew Blackwood es-

creveu, no livro *Pastoral Work*, à página 213: “um ministro visitador torna devota uma congregação”. A visitação pastoral também cria despertar no pastor para a realidade atual das carências humanas. Ajuda-o a ser relevante, como pregador, no que ele diz quando se encontra no púlpito. A visitação ainda tem outro aspecto importante: É um antídoto contra a depressão e o mal-estar ministerial. O contato com o povo nos lares dá ao pastor perspectivas da realidade e nos livra do autocentrismo doentio.

Instrução/ilustração

Ninguém nasce com experiência de vida. Aprendemos através de instrução, ilustração, imitação, aplicação e implementação. A pregação não deve somente encorajar e ser relevante, mas também ajudar as pessoas a adquirir experiência. O escopo da pregação é vasto, e a média dos nossos ouvintes não conhece tudo a respeito do assunto sobre o qual falamos. Nosso povo necessita não somente conhecer teoricamente, mas também aprender como fazer.

Como faço para exercitar a fé? Como me arrependo e confesso? Qual é o significado da Ceia do Senhor? Como faço para participar dela? Como posso testemunhar? Como posso me preparar para a volta de Jesus? Como posso estudar a Palavra de Deus de modo que consiga compreendê-la? Como devo me relacionar com a hostilidade? Como faço para viver com fé e confiança? Como devo tratar a dúvida? Como exercito a fé salvadora? As pessoas necessitam de um guia para aprender fazer, e a nossa pregação deve ajudá-las nesse sentido.

Assim, o que as pessoas necessitam é de sermões com um elemento *como* implícito, ou explícito, neles. Assumir que nossos ouvintes compreendem tudo o que dizemos implicitamente é um engano. Em muitos casos eles não conseguem isso, e nós devemos instruí-los sobre como aprender a viver a vida cristã com fé e confiança em seu Senhor. Acho que foi Charles Spurgeon que se referiu à ilustração como “janelas pelas quais entra a luz”. As melhores ilustrações são aquelas tiradas da nossa experiência pessoal e da experiência dos ouvintes. Muitos deles têm histórias incríveis para contar. Geralmente tomamos conhecimento delas na visitação. A ilustração deve fazer justamente isto: ilustrar.

Necessitamos evitar os ditos espirituosos, as histórias engraçadas e desnecessárias, mencionados só com o propósito de fazer o povo gargalhar. Embora a pregação deva ser intensamente interessante, não é entretenimento. O humor tem o seu lugar, mas nunca deve deslocar a verdade, ao ponto de a congregação lembrar, depois, o humor e não a verdade.

Cristo

A pessoa maravilhosa de Cristo tem de estar presente em todo o sermão. De todas as acusações e reprimendas que possam ser feitas contra a pregação e os pregadores, a ausência de Cristo no sermão é a mais séria. A reflexão sobre tal omissão deve fazer-nos lamentar profundamente. De todas os erros cometidos na pregação, esse é verdadeiramente indesculpável.

Certa vez, um colega me fez a seguinte observação: “Você não pode colocar Cristo em todo detalhe de um sermão.” Então respondi-lhe: “Nesse caso, não pregue este sermão.” Sermões sem Cristo, freqüentemente, são nada mais que transferência de informações, arengas secas como poeira, exercício de egoísmo, vaidoso desempenho intelectual, ou apresentações mal construídas, apenas para encher 30 minutos das pessoas.

Necessitamos captar a profunda realidade das palavras de Jesus: “Sem Mim nada podeis fazer” (João 15:5). Isso especificamente inclui e se aplica à pregação. Colocar Cristo em todo o nosso sermão não é uma opção. É um item essencial, inegociável, que não devemos ousar negligenciar nem omitir.

Num passado que vai longe, ainda nos dias em que freqüentava o seminário, tive um professor, o Dr. George Keough, que requeria dos alunos, independente da matéria lecionada, a leitura do livro *Obreiros Evangélicos*. E ainda solicitava que memorizássemos algumas passagens. Dou graças a Deus por sua perspicácia. Tenho ainda na mente algumas das porções memorizadas. Cito uma que tem sido de valor inestimável para mim:

“O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras.

A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Apresento pe-

De todas as críticas feitas aos pregadores, a ausência de Cristo no sermão é realmente imperdoável

rante vós o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção – o Filho de Deus erguido na cruz. Isso tem de ser o fundamento de todo discurso feito por nossos pastores.” – *Obreiros Evangélicos*, pág. 315.

Todo sermão deve ter Cristo como centro. Nosso dever e responsabilidade, mais que nosso privilégio, é levá-Lo diante do povo, torná-Lo grande em seu coração e mente. As razões para isso são óbvias. Sem Jesus não há salvação. Ele é o único caminho para Deus. Não existem alternativas. Como Pedro o disse, “não há salvação em nenhum outro” (Atos 4:12).

Quando Cristo é apresentado em nossa pregação, o que está sendo proclamado não cai nos ouvidos e nos corações como algum tipo de apêndice ou algum tipo de reflexão tardia. Ao contrário disso, torna-se o corpo e a substância do que estamos dizendo e também do que é essencial para a vida bem vivida. Então a salvação torna-se possível para homens, mulheres, moços, moças e crianças. Sem Ele, nada acontece. Com Ele as pessoas são transformadas, encorajadas, fortalecidas e erguidas. E encontram liberdade, alegria, esperança e coragem. Em uma palavra, tornam-se cristãs.

O *eric* da pregação – encorajamento, relevância, ilustração e Cristo – sempre carrega consigo a possibilidade de salvação. Essa ideologia tem potencial transformador. Não é o único método, mas tem guiado um relutante pregador a compreender que a pregação tem um propósito e uma finalidade: conectar a alma dos seres humanos com o coração de Deus, numa experiência salvadora. É um maravilhoso privilégio, e demanda nossos melhores esforços para fazê-la acontecer. **M**



José Soares da
Silva Júnior

Diretor do Posto
Missionário
de Tocantins,
Associação Planalto
Central, Brasil

Nas mãos de Deus

Dirijo-me a você, caro companheiro, você que se encontra na linha de frente da batalha, na liderança de igrejas grandes ou pequenas, em contato direto com o bem mais precioso da Igreja, as pessoas.

Sim, aproveite a oportunidade do "Dia do Pastor" para dizer-lhe o quanto você é importante para Deus, para sua família, para a Igreja e para o mundo. É com sua participação direta que pessoas são visitadas nos lares, enfermos são atendidos, templos são construídos, comissões e cerimônias diversas são realizadas, sermões fundamentados na Palavra viva de nosso Deus alimentam, instruem, confortam e abençoam o rebanho. Você é o líder do evangelismo em todas as suas modalidades, no âmbito da congregação local. É o coordenador maior dos pequenos grupos, dos programas de reavivamento, além da sociabilização que une e fortalece os crentes.

Possivelmente vezes e contratempos tenham trazido momentos de melancolia e tristeza profunda. Talvez as investidas do inimigo das almas lhe tenham possibilitado escoriações emocionais, desgastes financeiros, familiares, ou até mesmo espirituais. É possível que tenha lutado com Deus noite adentro em busca de uma bênção, de uma resposta para os questionamentos, de energia para suportar as abordagens da oposição aberta, ou pior ainda, daquela revestida de duplo sentido, mascarada com a falsidade imperceptível, advinda às vezes e inesperadamente de pessoas queridas.

Estimado pastor, só Deus pode recompensá-lo por tudo quanto você tem feito, dito, ouvido, suportado; ninguém mais. Porém é a alegria de servi-Lo com prontidão e confiança, sem hesitação nem pusilanimidade, que dá sentido a tudo o que, sem Ele, não teria sentido. Tudo o que somos e temos converge para Ele. Deus é nosso lema, nosso alvo, nossa meta, nossa fonte, nossa vida, nosso início e fim, nosso tudo, nosso todo. Nossas palavras, idéias, emoções e vontades são dEle. O ministério é dEle. A Ele compete punir ou premiar. Portanto, somos dEle; pertencemos-Lhe. Somos instrumentos em Suas mãos.

Temos ainda muito o que alcançar, o que fazer, o que buscar. Então, marchemos! Continuemos a jornada como quem deve prestar contas Àquele que nos salvou, chamou e nos mantém. Não há mais tempo a ser gasto com futilidades. Cada minuto é precioso para os planos do nosso Mestre. A meia-noite do mundo está chegando ao seu fim e o justo juiz virá em glória e majestade para nos buscar, e os que a Ele encaminharmos através do nosso trabalho. Mantenhamos os olhos no amanhã de Deus.

Não permitamos que o passado positivo nos anestesie o vigor da alma, impedindo novos progressos. Não deixemos que lembranças negativas minem nossa confiança em Deus e em nós mesmos como Sua imagem, nem que assuntos seculares nos desviem do supremo ideal. Jamais consintamos que

a letargia mate a alma que um dia Deus salvou, e que floresceu com a fé, com a palavra e com a comunhão, criando ojeriza à demagogia, à bajulação, à postura hipócrita e tantas outras vis características impróprias à conduta ministerial.

É tempo de chorar confessando faltas, para sorrir abraçando o perdão de Deus.

É tempo de exaurir forças resistindo ao pecado, para encontrar descanso na certeza de uma missão sonhada, amada e cumprida satisfatoriamente no poder do Espírito Santo.

É tempo de preferir a perda da influência, do zelo inanimado, das conquistas materiais, a ter que deitar por terra o alimento da alma, a paz de consciência, a certeza do dever alcançado e a recompensa final dos justos.

É tempo de dar prioridade ao que renuncia nossa tendência carnal, ao que nega a cobiça do coração, ao que repudia nosso olhar materialista e ao que rechaça nosso espírito ambicioso.

É tempo de deixar Deus ser Deus. No íntimo do ser, na vida familiar, no trabalho, no dia-a-dia. Não aja sozinho; deixe Deus agir. Mesmo diante da meta não alcançada; dos desgastes, das diferenças nos relacionamentos, do conflito emocional, da angústia secreta e indizível da alma, da ausência de um ombro amigo, de um conselho sábio, da mão que auxilie ou de um ouvido que pacientemente absorva o desabafo do coração. Afinal, Ele é o seu único Senhor. É a Ele a quem você serve. **M**



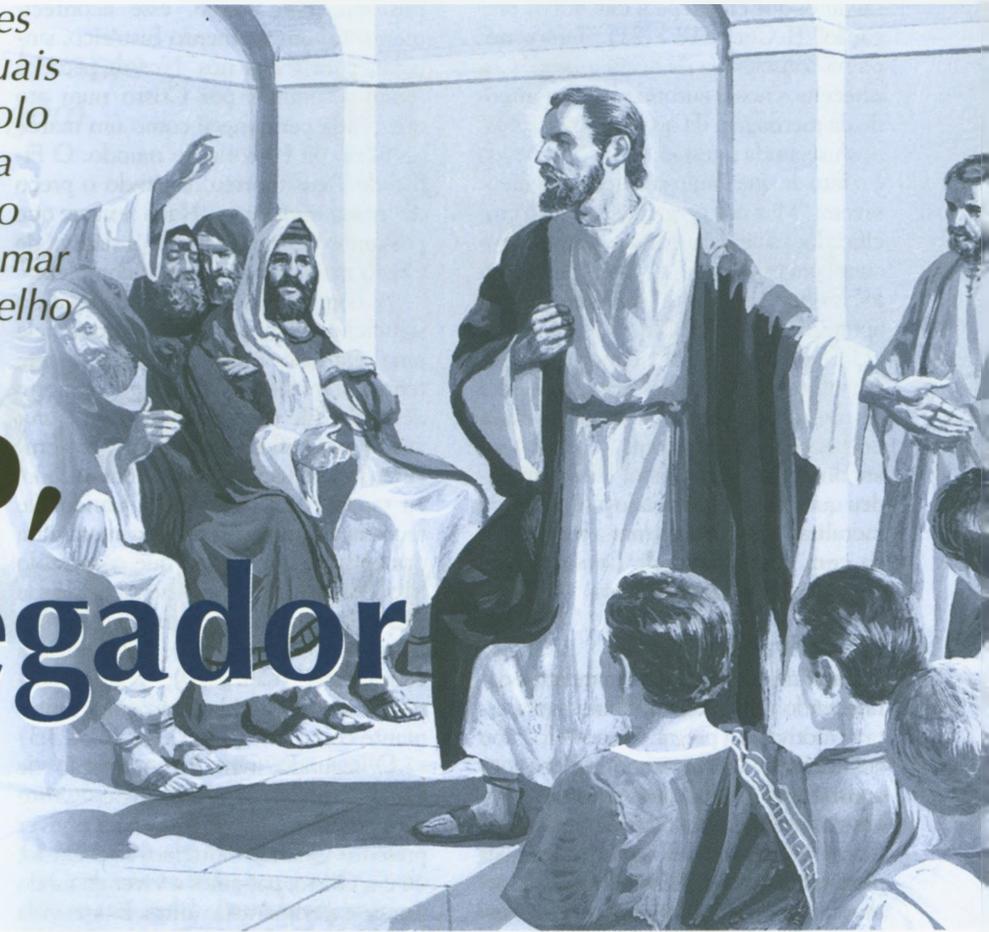
R. Leslie Holmes

Pastor em Pittsburg,
Pennsylvania,
Estados Unidos

Devocional

*As razões
pelas quais
o apóstolo
se sentia
impelido
a proclamar
o evangelho*

Paulo, o pregador



Impressiona-me a motivação que fazia de Paulo um apaixonado pela pregação. Era algo tão irresistível, que por duas vezes ele se refere ao seu mandato como sendo o de um arauto e apóstolo, colocando o chamado para pregar, ou ser um arauto, acima da vocação para o apostolado (I Tim. 2:7; II Tim. 1:11). Paulo tem muito a dizer sobre a pregação. Ele a menciona pelo menos 45 vezes em suas epístolas. Para compreendermos sua motivação para pregar, necessitamos considerar primeiramente duas questões relacionadas, antes de entrarmos no ponto central desta reflexão.

Mandato e mensagem

A primeira questão é o mandato recebido para anunciar o evangelho: "... pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho" (I Cor. 9:16). O apóstolo tem uma direttriz divina. E todo pregador autêntico deve começar assim. Temos uma história para contar; escrita em dois mil anos e aberta para que todos possam ver.

Houve um tempo quando o centro da fé que proclamamos era Jerusalém. O seguinte grande centro da fé cristã foi Antioquia. Durante um tempo, a igreja de Antioquia exportou missionários tais como Paulo, Silas, Barnabé e João Marcos. Então o formalismo e a indiferença poluíram o zelo, e a luz extinguiu-se. Depois disso, o eixo foi Constantinopla, a capital do Império Bizantino durante 300 anos. Pregadores tais como João Crisóstomo incendiaram o leste do Império Romano com a glória de Deus, mas a luz também se apagou e o centro mudou-se para Roma.

A partir de Roma, surgiram grandes movimentos missionários evangelizadores de pessoas que hoje formam comunidades européias que receberam o conhecimento da fé em Cristo. Mas, tal como aconteceu com os outros centros, Roma caiu em uma multidão de aberrações e erros, e os gran-

des centros de fé passaram a ser Alemanha, Genebra e Edimburgo.

Sob a liderança dos reformadores houve uma nova explosão de fé em Jesus. Então a Reforma afogou-se em minúcias teológicas, o que levantou a Inglaterra como o núcleo de influência cristã. Mas a Inglaterra também se tornou indiferente e a chama se apagou. E Deus suscitou a América. Durante o século 20, essa parte do mundo foi o centro missionário da fé cristã. Ela chamou a atenção de todos os continentes para Cristo e Seu reino. Mas hoje parece que a América está se tornando rapidamente uma panela teológica fervente, onde a babelônia de princípios, conceitos e dogmas teológicos em confronto nos leva a perguntar: Não podemos crescer juntos como herdeiros da motivação de Paulo?

Precisamos estar despertados para não nos desviarmos do nosso mandato. A lâmpada não pode bruxulear. Como

Paulo, devemos estar convictos do que nos é dado proclamar: “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. ... Aproveu a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação” (I Cor. 1:18 e 21). Temos nós plena consciência da nossa missão? Conheçamos nossa autoridade e o conteúdo da mensagem da qual somos arautos?

A segunda questão a ser considerada é o fato de que Paulo conhecia sua mensagem: “Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (I Cor. 1:23). Paulo foi um brilhante seminarista que aprendeu aos pés de Gamaliel, reconhecido erudito e filósofo daquele tempo. Ser aluno de Gamaliel era uma honra reservada apenas aos estudantes mais brilhantes e promissores. Todavia, ao encontrar-se com Cristo, Paulo aprendeu que não fora chamado a filosofar ou moralizar, mas a proclamar a mensagem da cruz, uma palavra de Deus que tem autoridade e poder celestiais.

A motivação

Estando consciente do mandato e conhecendo a mensagem, Paulo agora estava motivado a pregar. O apóstolo falou aos coríntios: “Pois o amor de Cristo nos constringe, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram” (II Cor. 5:14). A fim de compreender mais plenamente este irresistível amor, devemos ir à carta aos gálatas, onde Paulo escreve: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gál. 2:19 e 20).

Antes de refletir diretamente no que esses versos dizem sobre o amor de Deus, observemos que Paulo emprega quatro vezes o pronome pessoal *eu*, explicita ou implicitamente. Três vezes ele utiliza o pronome *me* (mim). Para o apóstolo, a fé cristã nada é, se não for uma experiência pessoal, íntima, individual, particular e exclusiva. Assim como ninguém pode dormir ou comer por outra pessoa, ninguém pode ser cristão, nem pode alguém ser chamado a pregar por meio de procuração.

Há dois itens na motivação de Paulo como pregador. O primeiro é a gratidão pelo amor demonstrado no passado. O “Filho de Deus me amou e a Si mesmo Se entregou por mim”. Paulo usa o verbo grego no tempo aoristo, de-

notando um ato completamente cumprido. O aoristo, como uma fotografia no álbum, é a história completada, um momento passado. O sacrifício de Cristo na cruz foi uma ação completa na História. Para Paulo, esse acontecimento foi um momento histórico, singular, para todos nós. Nossos pecados foram assumidos por Cristo num ato que ainda permanece como um marco divisório da História do mundo. O Filho de Deus morreu, pagando o preço da nossa redenção. Nada existe que possamos fazer para tornar a dádiva de Cristo mais efetiva ou mais completa.

A compreensão que Paulo teve do significado desse ato de amor criou nele uma gratidão impelente. Ao mesmo tempo, a morte de Cristo levou à morte de Paulo. Ele usa a palavra grega *tauro-mai*, que significa, literalmente, “co-crucificado”. “Quando Jesus foi crucificado, eu também fui”, ele diz. “Quando Ele morreu, eu morri.” Parte da maravilha das epístolas paulinas é que o apóstolo frequentemente as escreve falando da morte espiritual do homem: “morremos com Cristo” (Rom. 6:8); “se morrestes com Cristo” (Col. 2:20); “porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Col. 3:3)

O segundo item da motivação de Paulo é modelado nas palavras “Cristo vive em mim”. Isso é graça para o viver presente. Quando morremos com Cristo, ou em Cristo, passamos a viver de modo nunca experimentado antes. É uma vida tão diferente que os gregos usavam uma nova palavra para descrevê-la: *zoe*; isto é, vida eterna, vibrante, abundante. Esse tipo de vida é além de *bios*, que é orgânica, mensurável; vida que acaba.

Benefícios do relacionamento

O relacionamento “em Cristo” permeia as cartas de Paulo. Ele afirma que os crentes são intimamente ligados a Jesus, como se partilhassem um tipo de DNA espiritual. Seis benefícios nos alcançam através desse relacionamento:

O primeiro é *salvação*. Somos salvos para uma novidade de vida. “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram, eis que se fizeram novas” (II Cor. 5:17). Segundo, *defesa*. Temos um grande advogado espiritual: “... não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis” (Rom. 8:26). O terceiro benefício é *força na provação*. Temos segurança sobrenatu-

ral em nosso desamparo. “Então, Ele me disse: A Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. ... Pelo que sinto prazer nas fraquezas. ... Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (II Cor. 12:9 e 10).

Quarto benefício: *esperança*. Somos erguidos acima de todas as circunstâncias. “Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dEle, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do Seu chamamento...” (Efés. 1:15-18). *Vida* é o quinto benefício. Somos levados a um novo padrão de vida: “... e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gál. 2:20).

Esses cinco benefícios já seriam mais que suficientes para nos aproximarmos de Cristo, encher-nos dEle e proclamá-Lo com prazer. Mas há um outro benefício que é o motivador primário de Paulo, o epicentro do que focalizamos até aqui: *amor*.

Motivador principal

Em Cristo, encontramos amor em um nível desconhecido em qualquer outro relacionamento ou lugar. “E, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Efés. 3:17-19).

Paulo emprega um verbo grego que indica algo mais profundo do que mero conhecimento superficial. Ele fala de uma qualidade de amor não encontrada em ninguém a não ser em Cristo. Esse amor é mais vasto que o infinito. Não conhece limites, não tem horizontes, nem lugar de parada. É um amor que nunca se perde, pois está sempre focalizado em nós. Maravilhoso como possa ser, o Deus que enviou Seu Filho à cruz por nós amamos com um amor que nunca diminui; que não pode ser reduzido por nenhuma palavra ou ações más da nossa parte.

É assim que somos amados. E essa é a razão pela qual Paulo dedicou-se de corpo e alma à pregação. **M**



Timothy S. Warren

PhD, professor
no Seminário
Teológico de Dallas,
Estados Unidos

Dia do Pastor

*Como
tornar relevante
a mensagem
da cruz
para a
sociedade
atual*



Desafio pós-moderno

Neste mundo pós-moderno, de valores invertidos, alguns eruditos evangélicos insistem em que os pregadores devem abandonar a palavra da cruz como tema de seus sermões, substituindo-a por uma mensagem mais aceitável, supostamente mais inclusiva, centralizada no ser humano. Tais pessoas argumentam que a cruz deixou de ser uma mensagem valiosa e apropriada para ser pregada em nossos dias.

Aqueles que desejam abandonar o Cristo crucificado e outros aspectos cruciais da fé, acreditam que uma cultura massiva em constante mutação, movendo-se de uma cosmovisão configurada pela razão e pelo argumento, para uma outra visão expressada pela imagem e pela experiência, requer não somente um mensageiro diferente, mas também uma mensagem diferente.

Discordo disso. Na verdade, se existiu uma geração necessitada de ouvir sobre Cristo e Este crucificado, esta é a geração atual, pós-moderna. Portanto, nossa preocupação aqui é exatamente o quanto o pensamento pós-moderno tem-se infiltrado no pensamento dos hermeneutas bíblicos. Como podemos cumprir nossa parte em salvar esta geração, se boa parte da própria Igreja

cristã mostra-se propensa a aceitar os mesmos disparates que deve combater?

O desafio de mudar a visão

Como sociedade, temos transitado com o passar dos anos, da era pré-moderna à era moderna e à pós-moderna. A cosmovisão pré-moderna abraçava o sobrenatural. As pessoas acreditavam em Deus (ou nos deuses) e sustentavam a crença de que “o Divino” ordenara o Universo. Havia valores objetivos, princípios absolutos e realidade transcendente. A verdade podia ser conhecida através da revelação.

Essa perspectiva desmoronou-se quando uma nova cosmovisão começou a ganhar precedência no final dos anos 1700. A moderna ideologia argumentava que a razão, ao invés da revelação, poderia expandir qualquer verdade objetiva, universal, existente neste Universo natural. O humanismo, a ciência, o controle, a tecnologia – todos prometiam vida melhor. Realidade e pensamento ainda estavam “lá fora”, em forma objetiva, esperando ser descobertos pela espantosa capacidade humana.

Uma mudança pós-moderna substituiu supostamente a modernidade, durante as últimas duas ou três décadas. Se-

gundo a pós-modernidade, o que é real é aquilo que é construído na mente e na imaginação de um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, inserido em uma comunidade. Não existem proposições universais, narrativas fantásticas; nada de transcendências nem fundamentos. Há mudanças, diversidade, caos, relatividade. A vontade governa o intelecto, as emoções governam a razão, a imagem governa o argumento. A experiência substituiu a verdade, o ceticismo tomou o lugar da certeza moral. O pensamento é um fenômeno puramente humano. Eu o crio para mim mesmo e para outros. O que eu vejo, isso é o que é.

Relativismo hermenêutico

Provavelmente o fator-chave para nossa discussão é que, na cosmovisão pós-moderna, a revelação sobrenatural e a razão humana são substituídas pelo relativismo da hermenêutica filosófica, como forma de conhecimento. Nesse contexto, Deus não representa a verdade. A razão não provê sentido. Nós formamos nossas próprias realidades, incluindo Deus, dentro de nós mesmos.

Entre as disciplinas pós-modernas mais fundamentais encontra-se a chamada desconstrução, segundo a qual,

toda realidade afirmada em forma de linguagem (como as Escrituras ou a pregação) é desconstruída a fim de ser reconstruída a partir da perspectiva experimental de algum “novo” autor de pensamento, e portanto, realidade. Aqui a verdade é relativa. A comunicação é subjetiva. Proposições são intransferíveis. Portanto, o pensamento deve ser desconstruído. Esse processo tem afetado e, em alguns casos, infectado os hermeneutas bíblicos e os especialistas em homilética.

Ouçã Ronald J. Allen, professor associado de Pregação e Novo Testamento, no Seminário Teológico Cristão de Indianópolis, argumentando que a pregação de tópico está fundamentada “no evangelho” ao invés de no texto bíblico. “Você se move”, ele diz, “não do texto para o sermão mas do tópico ... para uma consideração do tópico à luz do evangelho, sem centralizá-lo na exposição do texto bíblico.”¹

Qual é o evangelho no qual nós fundamentamos o sermão? Allen responde: “O evangelho é a boa-nova de que Deus ama incondicionalmente cada um de todos os seres criados, e que Ele incessantemente deseja a justiça para cada um de todos os seres criados.”

Essa é uma definição muito abstrata. Eu prefiro a definição mais direta de autoria do apóstolo Paulo: “Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (I Cor. 15:1-4).

Mais inquietante do que sua definição de evangelho, no entanto, é a afirmação de Allen no sentido de que “o próprio evangelho é uma autoridade mais elevada na igreja do que o texto”. Como resultado, ele argumenta: “Quando confrontados com um texto intratável [tal como o relato de Samuel despedaçando Agague diante do Senhor, em I Samuel 15:33] o pastor pode dar uma exposição do significado do texto e então mostrar por que esse texto é nocivo e não mais autoritativo.”²

Uma interpretação completa de I Samuel 15, ou qualquer outro texto “intratável”, que leve em conta sua teo-

logia bíblica e canônica, poderia resolver essa dificuldade. Mas esse é um outro assunto. O que é motivo de preocupação é quão rapidamente Allen parece abandonar a autoridade escriturística.

Idéias tortas

Robin Scroggs, professor de Novo Testamento no Seminário Teológico União, em Nova York, dá um passo mais longe: “Porventura faz ainda qualquer sentido a reivindicação de que a Bíblia tem autoridade? Se as avaliações sobre fé e ética bíblicas são feitas a partir de sensibilidades contemporâneas sobre o que é certo ou errado, então são as nossas perspectivas contemporâneas que são autoritativas.”³

Para ele não há questão a respeito disso. Se a Bíblia é interpretada pelas estimativas mais pós-modernas, então sua autoridade será abandonada. Scroggs continua: “O que nós necessitamos é um novo entendimento do papel da Bíblia na igreja hoje, que compreenda a realidade atual de nossa situação – um entendimento que tome a Bíblia como um documento fundamental, mas não autoritativo.”

Finalmente, Scroggs afirma: “Eu proponho... que nós rejeitemos francamente qualquer reivindicação de que a Bíblia seja autoritativa. ... Isso, eu poderia argumentar, é o inevitável e apropriado ponto final na longa história de erosão da autoridade bíblica. Em discussões públicas a Bíblia deve ser analisada como um documento humano do passado e nosso diálogo com ela visto como um processo humano do presente.”⁴

Particularmente, não estou disposto a fazer qualquer concessão no sentido de aceitar essa proposta. Nenhum pastor honesto em relação ao seu compromisso com Deus deve fazê-lo. Mas, infelizmente, a abordagem proposta tem sido alimentada em muitos círculos evangélicos.

Em 1996, foi publicado um livro em honra a David Buttrick, na verdade uma coleção de vários artigos muitos dos quais defendiam o que podemos chamar de visão pós-modernista da pregação. Em um deles, escrito por Edward Farley, sob o título “Novos paradigmas da pregação”, é dito o seguinte: “Certamente somos chamados a pregar o evangelho, e não a Bíblia”, de modo que “quando dizemos que o que é pregado é o evangelho, somos impossibilitados de restringir isso a um único tema como encarnação, expia-

ção, morte ou ressurreição... recusamos reduzir ou limitar o evangelho a um só texto, conjunto de textos ou mesmo um tema.”⁵

Por que estaria este evangelho mudando sempre de acordo com a cultura, não tendo apoio objetivo e transcendendo a autoridade das Escrituras? A resposta é: “porque o evangelho está em nós.” De acordo com a hermenêutica pós-moderna, o evangelho está dentro de nossa “consciência comunitária”.

Evangelho e consciência social

David M. Greenhaw, escrevendo, no mesmo livro, sobre “A formação da consciência”, argumenta que a realidade é a formação social, ou seja, a consciência comunitária. “A realidade”, ele estabelece, “não pode ser formada através de nenhum outro meio a não ser a consciência.” Segundo sua argumentação, a realidade de Deus é meramente a consciência dEle formada por nossa percepção dEle.⁶

Tendo abandonado a possibilidade de uma Palavra da revelação vinda de Deus, esses eruditos defendem que nós, como intérpretes e pregadores, construímos a realidade “para transformar um mundo de profunda e perniciosamente injustiça”. Nosso alvo então deveria ser uma homilética que crie uma consciência social do mundo, segundo a maneira que o pregador imagina que ele deveria ser. Buttrick, interpretado por Greenhaw, mantém o argumento de que “formar uma consciência comunitária, mudar uma mente cultural comum, é o que a pregação pode fazer. A pregação configura o mundo em consciência social”, enquanto busca “reformular a consciência comunitária”.⁷

Refletindo nessa idéia por um momento, fico me perguntando por que uma consciência comunitária necessita ser reformada, se, no dizer dos seus defensores, a realidade que uma comunidade percebe ou experimenta é a única realidade que ela poderia ou deveria ter. E se existe uma outra realidade (a minha, como pregador), quem pode dizer que sua realidade particular é a realidade? Que direito eu tenho de converter minha realidade na sua? Que direito tem você de querer impor sua realidade a mim?

Da perspectiva de Buttrick, diz ainda Greenhaw, “a revelação não é a palavra da Bíblia, nem mesmo a palavra do pregador; mas a formação de uma consciência de fé no mundo. Ou seja,

a revelação é alguma coisa que acontece, não que esteja relatada”.⁸

Para mim, nada disso tem o menor sentido. Parece um absurdo diálogo de tolos.

Reconstrução do evangelho

Até onde nos levará esta idéia de reconstrução do evangelho? Deveríamos nós pregar Cristo crucificado? No volume já mencionado, ao escrever sobre “A pregação como uma tarefa teológica”, Ernest T. Campbell reconhece que “não

pode haver dúvida quanto ao fato de que a maioria dos cristãos sustenta que o evangelho tem a ver primariamente com o modo pelo qual nós, pecadores, podemos encontrar perdão. Se essa é a questão fundamental respondida pelo evangelho, então o foco cairá em Jesus. Não em Sua vida em geral, mas na última semana, no último dia, nas últimas horas – quando Ele entregou o espírito”.

Mas Campbell diz: “Eu luto com essa maneira de pensar, por algumas razões. Primeira, ela parece mais um desprezo da maior

vida já vivida, ignorando 30 ou 33 anos em favor da parte salvífica.”⁹ Tal caracterização, entretanto, é um argumento humano insignificante. Nem a Bíblia nem os pregadores cristãos minimizam a graciosa, compassiva, exemplar e santa vida que Jesus Cristo viveu.

A segunda razão apresentada por Campbell para sua luta contra o pensamento mencionado é que, em sua opinião, “a igreja ampliou a gravidade do pecado, além de suas proporções”. E ele acrescenta a terceira razão: “Tenho sérios problemas com a idéia de que Deus necessitou derramar sangue para ser bom; que até ver o sangue fluir, Ele não podia dispensar misericórdia para qualquer pessoa.” Em sua visão pós-moderna do evangelho, para Campbell, “Deus não necessitava oferecer Seu filho para perdoar. O amor de Deus não requer mediação. Ele perdoou antes que Jesus viesse (que amigo temos em Jeová!). Deus perdoa em terras e culturas onde Cristo não é conhecido”.¹⁰

Interessante é que essa nova hermenêutica, emergindo de filósofos pós-modernos, acaba desaguando em uma velha heresia. A visão que Campbell tem da cruz é a mesma de Aberlado, para quem o fato da cruz era opcional e seu único benefício era oferecer um exemplo de amor. Não houve sacrifício, expiação, nem redenção, porque nada disso, ele argumentava, era necessário.

O apóstolo Pedro, no entanto, defendeu um evangelho diferente: “Carregando Ele mesmo em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça; por Suas chagas, fostes sarados” (I Ped. 2:24).

A resposta cristã

A literatura da teologia pós-moderna em geral vomita os sentimentos dos escritores citados. Desde os mais cuidadosos especuladores aos defensores mais radicais, poderíamos enumerar os “novos” desafios à tarefa da pregação.

Necessitamos saber responder-lhes.

Os que hoje insistem em abandonar a palavra da cruz formam a elite acadêmica evangélica.

Como especialistas de moda, inventam uma roupa superficialmente provocativa, mas falham em prover a substância essencial para a vida. São filósofos profissionais enredados pela sabedoria humana.



Nosso papel é anunciar a revelação de Deus na Bíblia, mesmo na cultura pós-moderna

Mas pecado e juízo, sacrifício e perdão, não são ficção cultural. São reais. O desafio, portanto, para os pregadores não é: “Deveríamos pregar Cristo crucificado?”, mas: “Como fazê-lo em uma cultura pós-moderna que questiona os princípios básicos do cristianismo?”

Primeiramente, não deveríamos ser ignorantes. Precisamos compreender a perspectiva pós-moderna, conhecer suas genuínas questões hermenêuticas e de comunicação, suas preocupações e lutas. Nem tudo no pós-modernismo é mau ou destrutivo. Muito dele provê uma crítica necessária ao moderno racionalismo.

Em segundo lugar, não deveríamos ficar intimidados. Os eruditos pós-modernos simplesmente estão substituindo as Escrituras pelas antigas filosofias centralizadas no ser humano. O que Deus requer de nós é que sejamos submissos à revelação que Ele faz de Si mesmo.

Finalmente, não devemos nos acomodar. É nosso dever recuperar a efetiva pregação da palavra da cruz, mesmo na cultura pós-moderna, relativista e avessa à autoridade. Nosso papel é continuar anunciando a revelação de Deus na Bíblia. A questão é: “Como?” Centralizando a mensagem nas Escrituras e focalizando na audiência. Esse tipo de pregação fundamenta sua autoridade na Bíblia, levando em conta sua relevância para quem vai ouvir.

Estilos de pregação

Bruce e Marshall Shelley identificaram três tipos dominantes de pregação no mundo evangélico, nos últimos duzentos anos.¹¹ Na virada do século 19, a tradicional pregação evangélica foi caracterizada pelos sermões evangelísticos, com histórias emocionantes e entretenimento. Seu alvo era a conversão, mudança de vida. Com a disseminação da controvérsia entre fundamentalistas e modernistas, a pregação como discurso, ou apologia, tornou-se o novo modelo. A forma era racional, ordenada, com a exposição num estilo piedoso. Essa maneira

de defender e explicar a Palavra ajudou no “equipamento dos santos” contra o liberalismo teológico. Embora tentasse relacionar o significado das verdades bíblicas à vida con-

temporânea, a ênfase principal era o apoio às doutrinas fundamentais.

Com o progresso da televisão e outros meios de comunicação visual, e a ênfase na imagem, a pregação novamente sofreu mudança. A influência da psicologia popular e o aconselhamento pastoral intensificaram a passagem da pregação como discurso para um modelo que busca realçar os sentimentos mais que o pensamento. Foi definida como “pregação oblíqua”. A mensagem, bem como o meio, fundamenta-se na audiência. Robert H. Schuller enfatiza a “experiência pessoal e a vida abundante” em sermões que são “psicologicamente inspirados”, “designados para uma geração televisiva”.¹²

Mas é imperativo lembrar que a revelação, isto é, a Palavra é que deve determinar a mensagem. A audiência deve ser focalizada estrategicamente, como o alvo de uma mensagem bíblica que deve alcançá-la com a satisfação de suas necessidades e expectativas. Este é o tipo de pregação que enriquece: A Palavra com autoridade e relevância para uma audiência necessitada. E aqui acrescento o que Michael J. Glodo chamou de “a pregação em *stereo*”.¹³

Glodo argumenta que Jesus Cristo é a Palavra (João 1:1) e a imagem (Col. 1:15) de Deus. Foi essa concepção que levou Marshall McLuhan a responder, quando interrogado se a fórmula “o meio é a mensagem” poderia ser aplicada a Cristo: “Sim. Na verdade esse é o único caso no qual o meio e a mensagem são perfeitamente idênticos.”¹⁴ Jesus viveu e pregou em *stereo*.

Três estágios

Quero oferecer três estratégias para o uso da pregação em *stereo*.

Primeira, devemos pregar a mensagem de Cristo crucificado através da indução. Kenneth Burke escreveu que um pregador não precisa, logo de início, expor a conclusão da mensagem. Isso produz satisfação mais intensa, já que a expectativa dos ouvintes vai cres-

cendo. A audiência apenas vai recebendo à medida que ela necessita, acompanhando o desenvolvimento da argumentação. Quando pregamos dedutivamente, podemos esperar certo desinteresse da audiência logo no início. Por outro lado, a pregação indutiva conserva a audiência ligada e a encoraja a descobrir a conclusão.

Segunda, devemos pregar a mensagem de Cristo crucificado, usando a imaginação. Histórias, quadros e imagens são a essência da comunicação efetiva. A maioria de nós parece estar abandonando o recurso imaginativo em favor da lógica e do racional. Não estou dizendo que devemos descartar a pregação propositiva. Estou sugerindo que pelo menos *mostremos* tanto *dizemos*. Ilustrações e visualização dos nossos argumentos são fundamentais.

Terceira, devemos pregar a mensagem de Cristo crucificado, por meio da identificação. Não estamos fazendo apenas uma apologia de alguma doutrina ou acontecimento aparentemente irrelevante. Estamos aplicando a verdade de Deus aos desafios reais, oportunidades e lutas das pessoas. Devemos falar a linguagem da congregação. Burke adverte: “Você persuade um homem apenas quando usa sua linguagem, através da fala, dos gestos, tonalidade, atitude, idéias... identificando suas maneiras com as dele.”¹⁶

Não há dúvidas quanto a se devemos pregar ou não Cristo crucificado. A resposta é “sim”. Mas devemos fazê-lo em *stereo*, se é que desejamos ser ouvidos em nosso mundo pós-moderno. **M**

Referências:

- ¹ Ronald J. Allen, *Preaching the Topical Sermon* (Louisville: Westminster/John Knox Press, 1992), págs. 1-5.
- ² *Ibidem*, págs. 8 e 33.
- ³ Robin Scroggs, “The Bible as Foundational Document”, *Interpretation* 49 (Janeiro 1995), vol. 1, pag. 19.
- ⁴ *Ibidem*, pag. 23.
- ⁵ Thomas S. Long e Edward Farley, editores, *Preaching As a Theological Task: World, Gospel, Scripture; In Honor of David Buttrick* (Louisville: Westminster/John Press, 1996), págs. 10 e 11.
- ⁶ *Ibidem*, págs. 170, 174, 6 e 8.
- ⁷ *Ibidem*, págs. 2, 7 e 13.
- ⁸ *Ibidem*, pag. 8.
- ⁹ *Ibidem*, pag. 104.
- ¹⁰ *Ibidem*, págs. 106, 108 e 110.
- ¹¹ Bruce Shelley e Marshall Shelley, *The Consumer Church: Can Evangelicals Win the World Without Losing Souls?* (Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1992), pag. 187.
- ¹² *Ibidem*, pag. 196.
- ¹³ David S. Dockery, editor, *The Challenge of Postmodernism: An Evangelical Engagement* (Wheaton, Ill: Victor Books, 1995), págs. 148-172.
- ¹⁴ *Ibidem*, pag. 161.
- ¹⁵ Kenneth Burke, *Counter-Statement* (Berkeley: University of California Press, 1931, 1968), págs. 30-34.
- ¹⁶ _____, *A Rhetoric of Motives* (Berkeley: University of California Press, 1950, 1969), pag. 55.



Raquel Arrais

Diretora do Ministério da Criança e do Adolescente na Divisão Sul-Americana

Ministério da Criança

O que o pastor deve fazer para levar sua mensagem ao coração infantil

Alimento para os cordeirinhos

Preparar um sermão e apresentá-lo com entusiasmo à congregação, certamente não significa novidade para nenhum pastor. Afinal, ele costuma pregar várias vezes durante a semana e, sob certo aspecto, é conhecido como o “profissional” da pregação. Contudo, pregar um sermão atrativo, que também preencha as necessidades das crianças, tem sido o grande desafio para muitos pastores. E não são as crianças parte do rebanho que o Senhor nos confiou para cuidar e alimentar? Que qualidade de atendimento estão elas recebendo?

O próprio Senhor Jesus é um exemplo do trato que um líder espiritual deve dispensar às crianças. Ellen White comenta, no livro *O Desejado de Todas as Nações*, à página 511: “Aonde quer que fosse o Salvador, a benevolência de Seu semblante, Sua maneira suave e bondosa conquistavam a confiança dos pequeninos.” O que havia na pregação de Jesus que, quando Ele falava, as crianças corriam para escutá-Lo e, mesmo que o sermão demorasse, elas nem percebiam o tempo passar? Que atrativo havia em Sua mensagem

que era capaz de levar um garoto a se esquecer de comer o lanche preparado pela mãe? Aqui está a resposta:

“Nos meninos que foram postos em contato com Ele, viu Jesus os homens e mulheres que haviam de ser herdeiros de Sua graça e súditos do Seu reino, e alguns dos quais se tornariam mártires por amor dEle. Sabia que essas crianças haviam de ouvi-Lo e aceitá-Lo como seu Redentor muito mais facilmente do que o fariam os adultos, muitos dos quais eram os sábios segundo o mundo e os endurecidos. Em Seus ensinamentos, descia ao nível delas. Ele, a Majestade do Céu, não desdenhava responder-lhes às perguntas e simplificar Suas importantes lições, para lhes atingir a infantil compreensão. Implantava no espírito delas as sementes da verdade, que haveriam de brotar nos anos vindouros, dando frutos para a vida eterna.” – *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 512 e 515.

Necessidades e direitos

A *Declaração dos Direitos da Criança* afirma que “toda criança tem direito à comida, roupa, educação e saúde”.

Diante disso, precisamos responder às seguintes perguntas: Quais são os direitos das crianças no contexto da Igreja? Sabemos que elas também possuem necessidades espirituais e que a Igreja tem um papel importante a desempenhar nesse sentido. No entanto, como estamos nós suprindo essas necessidades?

A Igreja, na verdade, desenvolveu vários programas voltados para as crianças. Entre eles podemos relacionar a Escola Sabatina, o Clube de Desbravadores, a Escola Cristã de Férias, classes bíblicas e outras atividades. Mas se nos detivermos para refletir na influência do culto e da pregação na vida dos nossos meninos e meninas, concluiremos que eles estão recebendo pouco benefício. É verdade que, para compensar essa limitação, algumas igrejas têm incluído em sua liturgia um espaço determinado para a adoração infantil. Contudo, esse esforço não substitui o dever que têm os líderes espirituais de proverem suficiente participação das crianças nos serviços sabáticos, e alimento para todas as faixas etárias da igreja, por meio da pregação.

O que fazer

Por que será que alguns pregadores apresentam certa limitação na administração desse assunto? Seria porventura a falta do devido treinamento para falar a linguagem das crianças? Desejo partilhar aqui algumas sugestões que podem ajudá-los a direcionar suas mensagens também para o público infantil da igreja.

Inclua as crianças. A melhor maneira de cativar a atenção e preparar o coração das crianças para a mensagem

que será apresentada no culto é incluí-las na programação, convidando-as a dar as boas-vindas ao público, anunciar um cântico, ler um texto da Bíblia ou proferir uma oração. Essa é uma atitude muito importante para as crianças, pois lhes confere um sentimento de inclusão no serviço litúrgico, e que é útil ao seu desenvolvimento na comunidade. Dessa maneira, elas crescem familiarizadas com a idéia de que o culto é uma experiência solene, agradável, da qual elas também participam.

Evite sermões longos. Quando a mensagem é longa, mesmo que seja direcionada às crianças e seja apresentada numa linguagem apropriada, elas assimilarão muito pouco. As crianças possuem uma capacidade de concentração bastante reduzida. Ao evitar pregar sermões longos, estaremos contribuindo para a reverência e promoveremos melhores resultados na retenção do aprendizado. Somos advertidos de que "os que dão instruções à infância e à mocidade devem evitar observações enfadonhas. Falar com brevidade, indo direto ao ponto, terá uma feliz influência". – *Orientação da Criança*, pág. 495.

Use palavras simples. Crianças e adultos preferem ouvir uma linguagem simples, quando lhes são apresentadas verdades bíblicas. Não complique. Evite usar termos teológicos e palavras rebuscadas. Pratique o método de Cristo que, "em Seus ensinamentos, descia ao nível" das crianças. Facilite a compreensão do que é difícil ser entendido.

Apresente ilustrações atrativas. As crianças apreciam ouvir ilustrações nas quais elas possam se identificar com a história e seus personagens. Esse é um método que funciona em qualquer situação. Além de chamar a atenção delas para o assunto, faz com que a mensagem seja mais facilmente compreendida.

Destaque as lições espirituais. Toda mensagem apresentada deve ter uma lição que fale diretamente ao coração das crianças. Cerimônias especiais realizadas na igreja, tais como batismo, ceia, casamento e outras, também podem ser aproveitadas para comunicar lições espirituais à mente infantil. Lembre-se: em todo culto existem crianças prontas para aceitar a Jesus como Salvador. Um convite pessoal dirigido especialmente a elas produzirá surpreendentes resultados.

Pastores, professores e demais líderes da igreja podem não alcançar a perfeição neste assunto, mas podem facilitar e encurtar o caminho através do qual o amor de Deus flui para atingir o coração de muitas crianças. Este não é apenas um desafio. Acima de tudo, é um privilégio seu, pastor. **M**



PhotoDisc



Miroslav Kis

Ph.D., é professor de Ética no seminário teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Ética

*O Senhor
vela sobre
a vida íntima
e o ambiente
doméstico
dos Seus
líderes espirituais*

Sexualidade e sacerdócio

No primeiro artigo desta série, focalizamos a identidade do pastor, tal como descrita nas Sagradas Escrituras, concluindo que ele é uma pessoa incomum, chamado a identificar-se com sua vocação. Nos dias atuais, o pastor pode se identificar muito intimamente com o sacerdote e o profeta dos tempos bíblicos. É assim que todos o vêem.

O trabalho de um bombeiro, por exemplo, não afeta necessariamente sua identidade pessoal. Sua profissão, seus talentos naturais e treinamento bastam para que ele se desempenhe eficazmente. Nós pastores, entretanto, somos chamados a liderar seres humanos através de uma batalha sem trégua contra o pecado e o mal, contra principados e potestades, levando-os à segura habitação na presença de Deus. Talentos naturais e treinamento não são suficientes para essas coisas.

Você e eu não estamos simplesmente “mercadejando a palavra” (II Cor. 2:17). Fomos chamados para ser “o

bom perfume de Cristo” (II Cor. 2:15). Para alguns, “cheiro de morte para morte”; para outros, “aroma de vida para vida” (II Cor. 2:16). Que privilégio e responsabilidade!¹ Deus espera que não nos esqueçamos disso, mesmo na privacidade da nossa vida sexual. A sexualidade humana é uma parte natural da identidade pastoral, e a intimidade sexual é uma parte do casamento do pastor. Esses dois elementos de identidade, o sexual e o pastoral, convivem lado a lado no pastor.

A esposa do sacerdote

As instruções de Deus a Moisés sobre o casamento dos sacerdotes revelam Sua preocupação para com a vida íntima e o ambiente doméstico dos Seus líderes espirituais. Ao contrário da esposa do rei, do juiz e de outros líderes em Israel, a esposa do sacerdote deveria ser escolhida em harmonia com critérios específicos. “Só desta me agrado” (Juí. 14:3) não funciona aqui. No caso dos sacerdotes regulares, temos a orientação divina: “Não toma-

rão mulher prostituta, ou desonrada, nem tomarão mulher repudiada de seu marido, pois o sacerdote é santo a seu Deus” (Lev. 21:7).

As orientações para “o sumo sacerdote entre seus irmãos” ainda eram mais explícitas e seletivas: “Ele tomará por mulher uma virgem. Viúva, ou repudiada, ou desonrada, ou prostituta, estas não tomará, mas virgem do seu povo tomará por mulher. E não profanará a sua descendência entre o seu povo, porque Eu sou o Senhor, que o santifico” (Lev. 21:13-15). Cerca de 850 anos depois, Deus realçou a seletividade para os sacerdotes: “Não se casarão nem com viúva nem com repudiada, mas tomarão virgens da linhagem da casa de Israel ou viúva que o for de sacerdote” (Ezeq. 44:22).

A primeira razão explícita para isso é resumida nas palavras “o sacerdote é santo a seu Deus”. Sua esposa, que com ele se torna uma só carne, é parte da esfera de santidade sacerdotal e não deve se tornar um ponto de contato com o profano.²

A segunda razão pode ser uma tentativa de proteger o casamento do sacerdote contra questões não resolvidas e experiências traumáticas do passado, que uma futura esposa poderia trazer para a nova união. Necessidades pessoais insatisfeitas e não resolvidas frequentemente reduzem a capacidade de alguém apoiar e ajudar outra pessoa.

O profeta Ezequiel resume a terceira razão: “A Meu povo ensinarão a distinguir entre o santo e o profano e o farão discernir entre o imundo e o limpo” (Ezeq. 44:23). Essa instrução não pode ser expressa apenas em palavras. O exemplo de amor mútuo entre o casal pastoral e da maneira como o seu lar é conduzido é o apoio mais efetivo ao ensino da diferença entre o santo e o comum, entre o imundo e o limpo.

O que a Bíblia está dizendo é isto: A esposa do pastor é única, uma mulher especial diante de Deus. O Senhor vigia zelosamente sobre como a escolhemos, como a tratamos, como apreciamos sua lealdade a Ele e quão genuíno é nosso amor por ela, mesmo na velhice (Mal. 2:13-16).

A esposa do pastor é única, uma mulher especial diante de Deus

Posição bíblica

A aliança conjugal é altamente protegida na Bíblia. Mesmo antes da promulgação da Lei no Sinai, Deus interveio em benefício do casamento de Sara (Gên. 12:10-20; 20:1-18). O sétimo mandamento proíbe o adultério (Êxo. 20:14), e o décimo proíbe cobiçar a mulher do próximo (v. 17). A violação do sétimo mandamento era punida com a morte (Lev. 20:10; Deut. 22:22). O adultério violenta o conceito de união em “uma só carne” e “tem o caráter de roubar o esposo de sua individualidade, e destruir a corporeidade criada pela união sexual”.³

Se uma esposa fosse culpada de infidelidade, era obrigada a beber “água amaldiçoante” que lhe causaria “amargura, e o seu ventre se inchará, e a sua coxa descairá; a mulher será por maldição no meio do seu povo” (Núm. 5:11-31). No livro de Jeremias, capítulo 3, o adultério e a idola-

tria são apresentados como as ofensas mais sérias contra Deus e os seres humanos. Ao nos reportarmos à história do povo de Deus, observamos certas tendências ameaçadoras ao compromisso de fidelidade conjugal. Às vezes parece que a fornicação e o adultério alcançavam proporções epidêmicas (Juí. 19:22-26).

Lemos de Judá, Sansão e Davi envolvendo-se em escândalos, mas a reação de Deus era definitiva. Ele levantou indivíduos tais como Finéias, Natã, Malaquias e João Batista para condenar a decadência moral entre Seu povo. O próprio Jesus posicionou-Se contra a torrente, convidando Seus ouvintes a ancorar suas normas aos princípios antigos (Êxo. 20:17; Mat. 5:27 e 28). Não importa quão prevalentes e aceitáveis possam ser em um determinado tempo e cultura, fornicação e adultério são condenados pela Bíblia em termos claros.

Mas a Bíblia também ensina que o pecador pode ser perdoado. O caso de Davi foi ultrajante, mas tornou-se um exemplo encorajador de como Deus trata os mais sérios pecados. Davi cometeu adultério com Bate-Seba, planejou e implementou o assassinato do seu marido, com toda astúcia que tal feito requer. Mas quando Natã interveio, Davi descobriu a hediondez dos seus atos, arrependeu-se, expressou isso no Salmo 51 e permaneceu no trono.

As conseqüências vieram, entretanto. O filho resultante daquela união morreu; o respeito e a influência reais foram abalados;⁴ a espada nunca deixou a sua casa; suas esposas foram levadas para longe (II Sam. 12:10-14); Simei se sentiu livre para amaldiçoá-lo e apedrejá-lo; e Davi acabou lamentando: “Eis que meu próprio filho [Absalão] procura tirar-me a vida” (II Sam. 16:9-11).

É importante notar que não foi durante ou por causa do seu pecado que Davi foi chamado um homem segundo o coração de Deus. Isso aconteceu quando ele se arrependeu, abandonou o pecado e humilhou-se desprovido de justificação própria.⁵

A experiência e a posição de Davi não estão na mesma categoria dos sacerdotes. Davi era um rei, um servo civil. A diferença está claramente apon-

tada no episódio quando Saul agiu como se a distinção entre rei e sacerdote fosse tão insignificante que ele imaginou poder oferecer sacrifício livremente, em vista da demora de Samuel. Diante desse comportamento, Deus disse: “Arrependo-Me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de Me seguir e não executou as Minhas palavras” (I Sam. 15:11).

Davi foi ungido para o ofício real. Os sacerdotes, por outro lado, eram separados em uma cerimônia diferente (Lev. 9) e para o santo ofício de liderar espiritualmente o povo. Vejamos o que Deus espera de um sacerdote, de modo que compreendamos a influência de sua identidade e a importância de seu chamado. Ao lado disso, veremos o que acontece quando ele comete pecado sexual.

Os filhos de Eli

Um notório caso de pecado sexual no sacerdócio é encontrado em I Samuel 2:12-24. O verso 22 diz: “Era, porém, Eli já muito velho e ouvia tudo quanto seus filhos faziam a todo o Israel e de como se deitavam com as mulheres que serviam à porta da tenda da congregação.” A última informação é particularmente significativa. Talvez essas mulheres fossem nazarithas envolvidas voluntariamente no lugar de culto (Núm. 6:2; Êxo. 38:8).⁶ Em qualquer caso, sua presença ali tinha um propósito legítimo. Todavia, os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, deliberadamente abusaram de sua função sacerdotal, envolvendo tais mulheres em atitudes proibidas. Segundo Deuteronômio 23:17, “das filhas de Israel não haverá quem se prostitua no serviço do templo, nem dos filhos de Israel haverá quem o faça”.⁷

O zeloso apelo do pai desses dois homens, o sacerdote Eli, veio muito tarde. Ele tentou conscientizá-los da gravidade daquele comportamento, bem como da grandeza de suas responsabilidades e da perda de confiança do povo. Sacerdotes são santos (separados) para seu Deus. Não se pertencem. Quando ministram ao povo, servem ao próprio Deus. Quando abusam do povo, tocam a menina do olho de Deus, vituperando Seu nome, Sua casa e Sua causa.

Eli argumenta: “Pecando o homem contra o próximo, Deus lhe será o árbitro; pecando, porém, contra o Senhor, quem intercederá por ele?”

(I Sam. 2:25). Quando a única ponte de segurança é destruída, como pode o resgate alcançar alguém em perigo? O pecado sexual nunca é uma experiência física sem conseqüências. O adultério e a fornicção no sacerdócio são assaltos diretos aos valores de Deus, ao próprio Deus e a Seu plano de salvação. Como poderia o povo de Israel crer que Deus era poderoso para salvá-lo dos seus pecados, quando Hofni e Finéias, representantes de Deus, demonstravam incapacidade para controlar paixões? O triste relato bíblico continua: “Entretanto não ouviram a voz de seu pai, porque o Senhor os queria matar.”

Um homem de Deus veio a Eli e declarou-lhe o que aconteceria a seus filhos e respectivas famílias, como conseqüência do menosprezo à vocação sacerdotal: “... aos que Me honram, honrarei, porém os que Me desprezam serão desmerecidos. ... Ser-te-á por sinal o que sobrevirá a teus dois filhos, a Hofni e Finéias: ambos morrerão no mesmo dia. Então, suscitarei para Mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o que tenho no coração e na mente; edificar-lhe-ei uma casa estável, e andaré ele diante do Meu ungi-do para sempre” (vs. 30, 34 e 35).

Efetividade e honra no sacerdócio não são herdadas mas adquiridas. O povo de Deus é muito prudente e perceptível para ser impressionado por meros nome e antecedentes. Questões espirituais e necessidades da alma são tão divergentes em cada membro da igreja, que apenas os pastores que são verdadeiros e inocentes no íntimo do ser podem discernir as ações de Deus no trato com o Seu povo.

“Os filhos de Eli herdaram uma sagrada responsabilidade e um honrado nome, mas por causa do seu egoísmo de tal maneira eles se tornaram servos de Satanás, que mereceram a reprovção total do povo. Quando seu pai falhou em exercer sua autoridade, foi advertido de que assim como a reverência e honra produzem uma colheita de caráter e utilidade, a semente da irreverência e desonra resulta em desonra e desapontamento.”⁸

Nos dias de Malaquias

Uma mensagem de compreensão alcança os sacerdotes contemporâneos do profeta Malaquias. Está em jogo a reputação de Deus (Sua honra), conforme Ele mesmo declara (Mal. 2:2).

E toma providências para que Seu concerto com o sacerdócio, com Levi, não seja mais quebrado continuamente (v. 4).

Naquela ocasião, Deus disse: “Minha aliança com ele foi de vida e de paz; ambas lhe dei Eu para que Me temesse; com efeito, ele Me temeu e temeu por causa do Meu nome. A verdadeira instrução esteve na sua boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos. Mas vós tendes desviado do caminho e, por vossa instrução, tendes feito tropeçar a muitos; violastes a aliança de Levi, diz o Senhor dos Exércitos. Por isso, também Eu vos fiz desprezíveis e indignos diante de todo o povo, visto que não guardastes os Meus caminhos e vos mostrastes parciais no aplicardes e lei” (Mal. 2:5-9).

Movidos por lascívia sexual, os sacerdotes ajustaram sua teologia para caber intenções profanas, vícios secretos, negociatas traiçoeiras, até que os valores e normas morais foram revertidos. E ainda diziam: “Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor, e desses é que Ele Se agrada” (v. 17). Como os lábios do sacerdote deveriam guardar sabedoria, o povo ouvia e caía presa do seu conselho corrupto. Mas, no profundo do ser, as pessoas sabiam que as coisas não eram como deveriam ser. Deus havia retirado Seu poder do sacerdócio e elas sabiam disso. E perguntavam: por que Deus não aceita com favor as ofertas das nossas mãos? (vs. 13 e 14).

A resposta foi dada: “Porque o Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher da tua aliança. Não fez o Senhor um, mesmo que havendo nele um pouco de espírito? E por que somente um? Ele buscava a descendência que prometera. Portanto, cuidai de vós mesmos, e ninguém seja infiel para com a mu-

lher da sua mocidade. Porque o Senhor, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio e também aquele que cobre de violência as suas vestes, diz o Senhor dos Exércitos; portanto, cuidai de vós mesmos e não sejais infiéis” (vs. 14-16).

A situação é clara. Deus não poderia manter a aliança “de Levi” com eles. Não poderia abençoar seu traba-

O padrão de Deus para os sacerdotes do Antigo Testamento ainda prevalece nos dias atuais

lho enquanto não guardassem a aliança, divinamente testemunhada, com suas esposas. Esse tipo de arranjo dividido, essa inconsistência no relacionamento, simplesmente não funciona (Mat. 5:23 e 24).

Nos dias atuais

Deus permaneceu ao lado das traídas esposas dos sacerdotes daquele tempo, assim como o faz em relação às esposas de pastores em igual situação hoje. A menos que eles respeitem sua aliança conjugal, não podem contar com o favor divino em seu trabalho. A linguagem usada por Deus nessa questão é poderosa e intimidatória. Necessitamos de muita coragem para ouvir Suas palavras, sem tentar diluí-las.

O Senhor tem um padrão muito claro. Tem abundante poder a fim de proteger, graça para curar e misericórdia para perdoar. Qualquer que seja a situação do nosso casamento, nosso status ou função, fidelidade à mulher da nossa mocidade é de suprema importância para Ele. **M**

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 119.
- ² Walther Zimmerli, *A Commentary on the Book of the Prophet Ezekiel* (Philadelphía: Fortress, 1983), vol. 2, pág. 460.
- ³ O. Piper, *The Biblical View of Sex and Marriage* (Nova York: Scribners, 1960), pág. 150.
- ⁴ Ellen G. White, *Testimonies on Sexual Behavior, Adultery, and Divorce* (Silver Spring: Md: Ellen G. White Estate, 1989), págs. 174 e 175.
- ⁵ *Ibidem*, págs. 94 e 95.
- ⁶ Robert D. Bergen, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman and Holman, 1996) vol. 7, págs. 80 e 81.
- ⁷ Ver Êxodo 25:1-5; Amós 2:7 e 8.
- ⁸ *SDA Bible Commentary*, (Washington D.C.: Review and Herald, 1976), vol. 2, págs. 463 e 464.



Miguel Angel Nuñez

Ph.D., professor de Teologia na Universidade Adventista del Plata, Argentina

Dia do Pastor

Se o púlpito falasse

Pensando no fato de que tenho ouvido sermões pelo menos uma vez por semana durante toda a minha vida, foi que me surpreendi perguntando: O que aconteceria se o púlpito falasse? Que perguntas ele faria ao pregador? Acho que posso imaginar algumas. Ei-las:

- Seu sermão é fruto de uma experiência pessoal, ou é apenas uma idéia momentânea?

- Você pode dizer sua mensagem com a mesma ênfase que Cristo diria?

- Se o que você diz é verdade, por que grita?

- Como um porta-voz de Jesus, tem certeza de que as crianças entendem suas palavras?

- Está consciente de que a quantidade de palavras não determina a veracidade de sua mensagem?

- Quantas palavras você necessita para dizer a mesma coisa sem ofender, ferir, nem atacar alguém?

- Você fala em nome de Jesus ou apenas está ecoando seus preconceitos?

- Seus argumentos se fundamentam em uma profunda exegese ou são uma interpretação caprichosa do texto?

- Você manipula emoções ou fala à mente para que o público reaja sem pressão?

- Se Cristo nunca usou tecnicismos nem efeitos especiais para alcançar o povo, por que você necessita disso?

- Fala você como quem tem uma verdade a transmitir ou como quem busca convencer de uma verdade que ainda não possui?

- Conhece a diferença sutil entre persuadir e dissuadir?

- Se algum político ou autoridade civil o escutasse hoje, vocêalaria com a mesma força e convicção?

- Seu sermão é fruto de um aprofundamento no texto bíblico ou é uma idéia que deseja defender usando o texto como desculpa?

- Por que necessita passear pela Bíblia para dizer o que está contido em um versículo?

- Meia hora já se foi. O que mais deseja dizer antes que o público vá embora?

- Quando as pessoas saírem deste lugar, que idéia levarão na mente?

- Se interpelarmos as pessoas, à saída, saberão elas com clareza o que foi dito?

- Se a mensagem do Senhor é tão clara, por que você usa palavras complicadas?

- Você responderia ao apelo que está fazendo?

- Está consciente de que os sermões passam mas os pregadores ficam?

- Já imaginou que quando você termina de falar, justamente aí começa a sua pregação?

- Se o que você está dizendo é motivado pelo amor ao Senhor e aos Seus filhos, por que suas palavras soam tão duras, críticas e mordazes?

- Com o passar dos anos, o que as pessoas se lembrarão daquilo que você acaba de dizer?

- Sua esposa e seus filhos podem dizer que você pratica no lar o que prega na igreja?

- Se seus amigos o ouvissem pregar, estariam comovidos por suas palavras ou assombrados por sua ousadia?

- Você sabe que “eloquência” significa viver o que se fala?

- Entende você o anelo daquelas pessoas que pediram a Filipe: “Queríamos ver a Jesus”? **M**



Parceria em favor da saúde

As denominações religiosas na África estão sendo convidadas a seguir o exemplo da Igreja Adventista como modelo de “saúde, cura e tratamento” de pacientes vítimas da Aids, segundo a Organização Mundial de Saúde, OMS.

No mês de junho, essa agência fez menção especial às igrejas adventistas, cuja ênfase no viver saudável tem sido um dos marcos de sua mensagem desde seus primórdios. “Como reconhecimento especial do trabalho das comunidades adventistas, o comitê da OMS também adotou a idéia de que toda igreja deve ser um lugar de saúde, cura e tratamento, que tem deriva-

do de vossa tradição”, disse o bispo anglicano Canon Ted Karpf, que foi designado para o Departamento de HIV/Aids da OMS.

Esse reconhecimento da mensagem de saúde adventista ocorre no momento em que as igrejas ao redor do mundo – e particularmente na África – estão operando com a OMS para implementar uma iniciativa chamada “3-por-5”, que propicia tratamento antiviral a três milhões de pessoas infectadas pelo HIV, em países em desenvolvimento, até o final de 2005.

A OMS relata que somente 400 mil pessoas com HIV, de um total estimado em seis milhões, têm

aces- so à te- rapia an- tiviral, que pode reduzir o sofrimento e prolongar a vida. Líderes adventistas estão motivando suas igrejas para ajudarem na distribuição dos remédios. “Embora sejamos uma denominação bem pequena, temos uma história de envolvimento com atendimento sanitário, e precisamos ser parceiros ativos nessa iniciativa”, declarou o Dr. Allan Handysides, diretor de Saúde da Igreja Adventista mundial. **M**



“Tampouco é alvo da pregação divertir.

Alguns pastores têm adotado um estilo de pregação que não exerce

a menor influência.

Tem-se tornado hábito seu entremear anedotas em seus discursos.

A impressão assim exercida sobre outros não é um cheiro de vida para vida. ...”

Ellen G. White

“Um sermão é mais do que dizer alguma coisa; é fazer alguma coisa. A menos que tal resultado seja alcançado, a mensagem será um fracasso, não importa quão profundo possa ter sido o raciocínio ou quão eloquente a sua elocução.”

Roy Allan Anderson

HUMOR

“Pastor, estamos trazendo algumas sugestões para o senhor melhorar suas mensagens”



PAULO, O APÓSTOLO DA GRAÇA – F. F. Bruce, Shedd Publicações, Ltda., Rua São Nazário, 30, Santo Amaro, CEP 04741-150 São Paulo, SP, tel. (11) 5687-0030; 463 páginas.

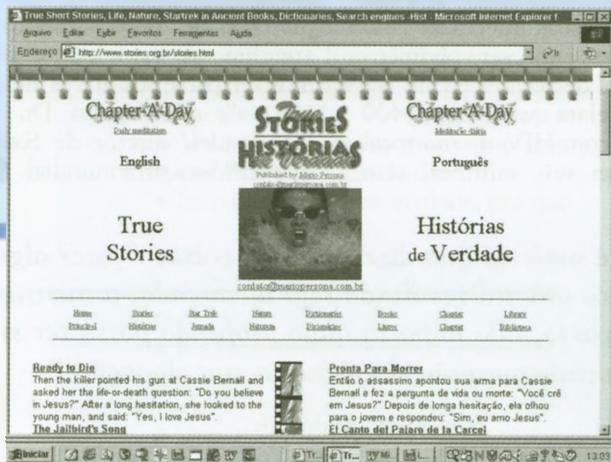


F. F. Bruce, falecido em 1990 aos 80 anos, foi professor de Crítica Bíblica e Exegese na Universidade de Manchester, Inglaterra. Escreveu mais de 40 comentários e outros livros amplamente usados. Neste livro, ele faz uma exposição de todos os temas interessantes no pensamento de Paulo, à medida que se desenvolvem no contexto histórico de sua vida e das suas viagens. Obra muito equilibrada e coerente, o retrato que Bruce pinta de Paulo é convincente sob qualquer perspectiva: histórica, teológica, psicológica ou pessoal. Trata-se de um livro que deve figurar na biblioteca de todo estudante da Bíblia.



UMA IGREJA DE SUCESSO – Bob Russel, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, Caixa Postal 21486, CEP 04602-970 São Paulo, SP; www.vidanova.com.br 280 páginas.

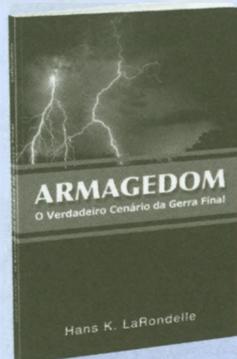
A partir da experiência de sua igreja, a Southeast Christian Church, que de pouco mais de 50 membros atingiu uma frequência de quase 14 mil pessoas por final de semana em pouco mais de 30 anos, o autor apresenta dez princípios bíblicos de crescimento de igreja, válidos em todas as épocas e culturas. Os métodos empregados podem não ser adequados a todas as igrejas. São diferentes e devem ser adaptados às realidades locais. Mas os princípios que formam a base para esses métodos devem estar presentes em qualquer igreja que deseje glorificar a Cristo.



VEJA NA INTERNET

www.stories.org.br

Esse é um site pessoal, mantido por um cristão bem-sucedido nas áreas de ensino e negócios. O que me atraiu inicialmente no site foi a grande quantidade de boas histórias que apresenta, geralmente baseadas em fatos reais e testemunhos da ação de Deus na vida de pessoas comuns. Como o site é bilíngüe, os textos estão em inglês e português, lado a lado. Há outras áreas bem interessantes nesse site, tais como: **Natureza** (fatos curiosos da natureza que conduzem a uma reflexão cristã); **Dicionários** (links para centenas de dicionário online); **Livros** (lista de bons livros de biografias e histórias reais, em inglês, os quais podem ser encontrados, para aquisição no site da Amazon Books); **Biblioteca** (trechos ou citações de alguns livros de autores cristãos. – Márcio Dias Guarda



ARMAGEDOM, O VERDADEIRO CENÁRIO DA GUERRA FINAL – Hans K. LaRondelle, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP; tel.: 0800-990606; 158 páginas.

Muitos escritores religiosos têm predito cenários dramáticos para os eventos finais. Será que seus pontos de vista são bíblicamente defensáveis? Será o Armagedom um conflito entre o Oriente e o Ocidente, o qual produzirá um holocausto nuclear? Que papel o Estado de Israel terá no drama final? Como deveríamos interpretar o livro do Apocalipse? Escrevendo com base em 30 anos de estudo e ensino, o Dr. Hans K. LaRondelle mostra como a Bíblia interpreta suas próprias predições e promessas.



Divulgação

Pregue a Bíblia

Jonas Arrais

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

Escrivendo a Timóteo, o apóstolo Paulo salientou a importância da pregação no trabalho pastoral. A mesma ênfase encontra eco em todo o Novo Testamento. Os pontos altos da história da Igreja cristã também têm confirmado a importância da pregação, cujo fundamento não é outro senão a Palavra de Deus, um elemento que parece estar faltando em muitas mensagens contemporâneas.

Segundo John McArthur Jr., em seu livro *Rediscovering Expository Preaching* [Redescobrimdo a Pregação Expositiva], o conteúdo da pregação deve incluir questões didáticas, bem como exortações, para que se produza um resultado de acordo com o ensinado.

O meio indicado por Deus para proclamação das verdades eternas perante o mundo e para santificar e fortalecer Sua Igreja é a pregação. Segundo uma pesquisa, aproximadamente 70% das pessoas disseram não acreditar que a Bíblia seja a inspirada Palavra de Deus; somente 50% sabiam que Gênesis é o primeiro livro da Bíblia e apenas 30% afirmaram saber que foi Jesus quem pregou o “Sermão da Montanha”.

Se continuássemos com essa pesquisa, qual seria o índice de pessoas que se revelariam crentes na existência de vida após a morte ou na teoria da evolução? Sabemos que, desde o começo da história do mundo, Satanás tem procurado deturpar e anuviar as verdades da Palavra de Deus. E ainda hoje ele procura minimizar a influência da pregação.

Nesta época pós-moderna, as pessoas parecem resistir cada vez mais às orientações dadas por Deus. O mundo diz que há muitos caminhos para o Céu; mas Jesus afirma: “Eu sou o caminho, a verdade, e a vida” (João 14:6). A sociedade considera a prática do homossexualismo um estilo de vida alternativo. A Bíblia afirma ser este um estilo de vida que não agrada a Deus. A maioria diz que cada um deve fazer o que acha melhor. Jesus, entretanto, afirma: “Se Me amais, guardareis os Meus mandamentos” (João 14:15). Como poderemos, então, apresentar claramente as verdades bíblicas perante o mundo? Em II Ti-

móteo 4:2, encontramos cinco ordens, sendo que a primeira é: “Prega a Palavra”. Os demais imperativos do verso nos mostram de que maneira isso deveria ser feito.

O trabalho de um pastor não está limitado apenas à construção e manutenção de relacionamentos, nem somente à administração. Sua tarefa também inclui a pregação. Nenhum pastor é completo se a pregação não for considerada uma prioridade. Isso envolve alimentar corretamente o rebanho; porque uma parte indispensável do pastorado é o cuidado pela nutrição dos fiéis.

Por essa razão, algumas das melhores e mais impor-

tares pastorais são realizadas por meio do sermão. É através da pregação que o pastor pode alertar, proteger, curar, resgatar, treinar e nutrir suas ovelhas, na opinião de Charles Jefferson, no livro *The Minister as Shepherd* [O Ministro como Pastor], págs. 63 e 64. Aos olhos de Deus, ser bem-sucedido no trabalho pastoral envolve colocar a pregação em primeiro lugar.

A fim de que possa cumprir o papel que lhe foi designado por Deus, a pregação necessita estar edificada sobre Sua Palavra. Lamentavelmente, muitos sermões, hoje, estão fundamentados mais na psicologia moderna, nos conceitos populares de auto-ajuda ou em assuntos temáticos da preferência do pregador, do que na exposição bíblica. Porém, sempre que um pregador se afasta do texto bíblico, perde sua autoridade como porta-voz de Deus.

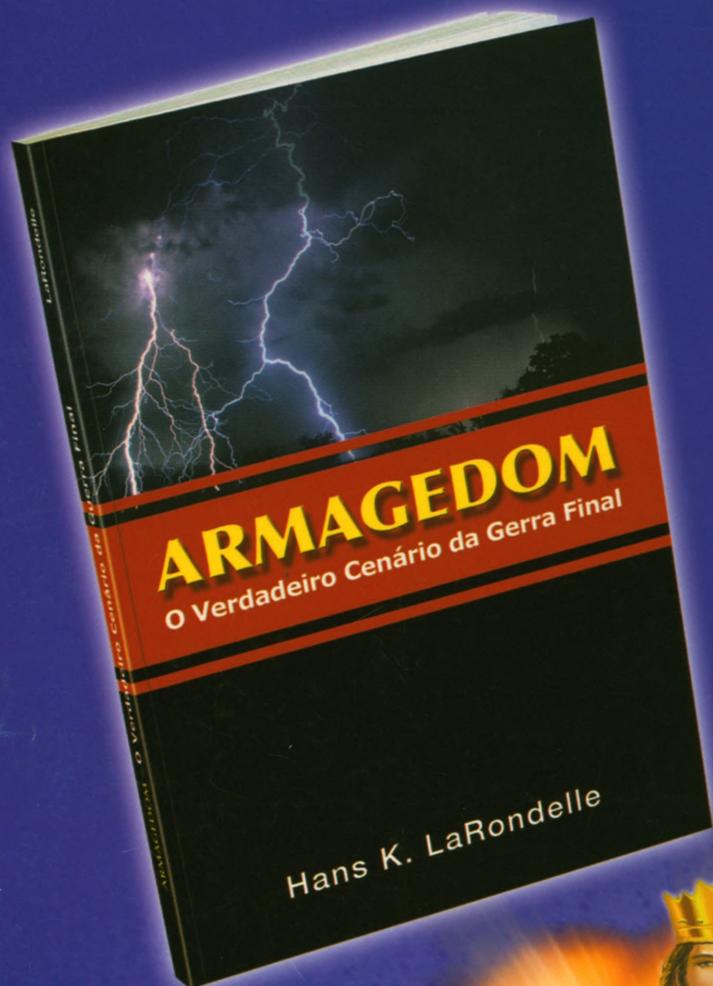
O propósito de ler, explicar e fazer a devida aplicação de um texto das Escrituras Sagradas é cumprir a ordem: “Prega a Palavra”. A perda dessa base escriturística é o motivo primário do declínio da pregação e da pobreza em alguns púlpitos, nos dias atuais, resultando em fraqueza e secularismo na igreja. Não basta que o pregador interprete o texto e o exponha aos seus ouvintes. É preciso que faça a aplicação prática daquilo que prega.

A igreja só vai recuperar sua força e seu poder espiritual, quando a verdadeira pregação bíblica reassumir seu lugar de direito. É privilégio do pregador ser parte desse processo, e de maneira responsável. **M**



Foto: KIMBER

Entenda melhor o que é o Armagedom



Muitos escritores religiosos, ao interpretar literalmente as profecias do Apocalipse, têm predito cenários dramáticos para os eventos finais. Acreditam que o Armagedom será um conflito entre o Oriente e o Ocidente, o qual produzirá um holocausto nuclear, e que o Estado de Israel será o palco desse drama final. Mas será que há base bíblica para isso?

Com base em 30 anos de estudo e ensino, o teólogo Hans K. LaRondelle mostra como a Bíblia interpreta suas profecias, dando uma melhor compreensão do Armagedom. Esta obra, sem dúvida, vai ajudá-lo a ficar do lado certo na grande batalha entre Cristo e o anticristo.

Armagedom **O Verdadeiro Cenário da Guerra Final**

Cód. 7751 – Páginas: 158
Formato: 14 X 21 cm



Para fazer seu pedido, ligue: 0800-990606*, acesse: www.cpb.com.br, ou entre em contato hoje mesmo com o SELS de sua Associação.

***Horários de atendimento:** Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.